

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA



Micaela Carolina de Jesus Simões

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
SECUNDÁRIA D.DUARTE, JUNTO DA TURMA DO 1º RB, CURSO
PROFISSIONAL DE TÉCNICO DE RESTAURAÇÃO VARIANTE
RESTAURANTE/BAR, NO ANO LETIVO DE 2013/2014.**

COIMBRA

2014

MICAELA CAROLINA DE JESUS SIMÕES

Nº 2012114752

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA
SECUNDÁRIA D.DUARTE, JUNTO DA TURMA DO 1º RB, CURSO
PROFISSIONAL DE TÉCNICO DE RESTAURAÇÃO VARIANTE
RESTAURANTE/BAR, NO ANO LETIVO DE 2013/2014.**

Relatório de estágio apresentado à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra com vista à obtenção do grau de mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Orientador: Mestre Paulo Nobre

COIMBRA

2014

Esta obra deve ser citada como: Simões, M. C. J. (2014). Relatório de Estágio Pedagógico desenvolvido na Escola Secundária D.Duarte junto da turma do 1ºRB, Curso Profissional de Técnico de Restauração variante Restaurante/Bar, no ano letivo de 2013/2014. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

COMPROMISSO DE ORIGINALIDADE DO DOCUMENTO

Micaela Carolina de Jesus Simões, aluna nº 2012114752 do MEEFEBS da FCDEF-UC, vem declarar por sua honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da sua autoria, não se inscrevendo, por isso, no disposto no art.30.º do Regulamento Pedagógico da FCDEF.

Coimbra, 13 de Maio de 2014.

Micaela Simões

AGRADECIMENTOS

O Estágio Pedagógico foi um caminho percorrido onde vivenciei inúmeras experiências, senti emoções distintas, onde partilhei e recebi oportunidades de conhecimento dentro e fora da minha área.

Assim, gostaria de expressar o meu agradecimento aos que de alguma forma mais presentes ou menos presentes contribuíram para aperfeiçoar a minha aprendizagem e para que conseguisse ter forças nos momentos menos bons do meu estágio.

Queria agradecer muito aos meus Pais e à minha Avó, pelo apoio e amor incondicional ao longo da vida, por nunca me terem negado nada e por me guiarem durante a minha vida académica.

Ao meu namorado, que apesar da distância sempre me deu uma palavra de consolo, demonstrando valores como companheirismo, amizade e confiança.

À Professora Manuela Filipe, por ter partilhado comigo a sua experiência e sabedoria adquiridas na função de Diretora de Turma e por estar sempre de braços abertos para me ajudar sempre que precisei.

Ao Professor Orientador da Escola D. Duarte, Fernando Costa, pela transmissão de saberes e pela serenidade com que orientou durante o ano letivo.

Ao Professor Orientador da Faculdade, Mestre Paulo Nobre, pela sua disponibilidade, partilha de conhecimentos, pela sua crítica que sempre foi construtiva, e ao mesmo tempo conseguiu sempre fazer com que me sentisse bem mesmo quando algo não me tinha corrido da melhor forma.

Aos alunos do 1ºRB, pela forma como encararam as aulas, pelos desabafos, abraços, olhares, lembranças e lágrimas de saudades que deixaram no meu coração.

Aos alunos do 3º ANIM, pela franqueza, disponibilidade e colaboração que demonstraram ter para com o Núcleo de Estágio de Educação Física.

Às amigas que construí na D.Duarte (Alexander, Tânia e Gonçalo) que me ajudaram nos meus piores momentos, e me proporcionaram experiências únicas que me fizeram relaxar e olhar o lado positivo de todo o trabalho que fui desenvolvendo ao longo do estágio pedagógico. E ao Fábio Sousa, que me apoiou nos momentos em que eu mais precisei.

RESUMO

O presente Relatório Final de Estágio Pedagógico insere-se no âmbito da Unidade Curricular (UC) Relatório de Estágio, contemplado do Plano de Estudos do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário (MEEFEBS), da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (FCDEF-UC). O estágio pedagógico, ao qual se refere este relatório, foi realizado ao longo do ano letivo 2013/2014, na Escola Secundária D.Duarte (ESDD), em Coimbra, com o acompanhamento da turma do 1º ano do Curso Profissional Técnico de Restauração Restaurante/Bar (1ºRB). As atividades desenvolvidas, ao longo do mesmo, tiveram como objetivo a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos no decorrer da formação académica, nomeadamente nos 1º e 2º semestres do mestrado. O estágio realizado reflete a necessidade de constante reflexão acerca das decisões tomadas, tornando-se em experiências muito enriquecedoras, no que respeita à aquisição e desenvolvimento de competências, pessoais e profissionais, inerentes ao desempenho eficaz da função de docente. É no contexto de uma formação contínua que são avaliados os saberes adquiridos nas áreas multidisciplinares de intervenção pedagógica, mais especificamente em desenvolvimento curricular, administração escolar e investigação educacional. Assim sendo, serão refletidos os objetivos das expectativas iniciais e descritas as atividades desenvolvidas no planeamento, na realização e na avaliação, juntamente com a justificação das tomadas de decisão. Depois, é apresentada uma análise reflexiva identificando as dificuldades sentidas e as necessidades de formação. Por último, desenvolvo um estudo sobre o tema da Avaliação Formativa (AF): Perceção do trabalho dos Professores de Educação Física com diferentes anos de experiência profissional, pretendendo averiguar qual é o significado que os professores dão à AF e se a utilizar para regular o seu ensino e o ensino aprendizagem dos alunos.

Palavras-chave: Estágio Pedagógico. Processo Ensino-Aprendizagem. Dimensões da Intervenção Pedagógica. Avaliação Formativa.

ABSTRACT

This final report of teacher training is within the extent of the curricular unit (CU) Training Report, contemplated in the Master plan of studies in Teaching Physical Education in Primary and Secondary Education (MEEFEBS), of Sport Sciences and Physical Education university, part of Coimbra's University (CU-FCDEF). The teaching training, to which this report refers to, was made throughout the school year 2013/2014, in D. Duarte Secondary School (PSDD), in Coimbra, by doing the accompaniment of a class from the 1st year of a Technical Vocational Course Restaurant/Bar (1st RB). The activities developed during this time, aimed the practical application of knowledge, acquired during the academic training, namely in the 1st and 2nd semesters of the Master Degree. This internship reflects the need for a constant reflection on the decisions taken, turning them into enriching experiences in the acquisition and development of personal and professional skills, inherent in the effective performance of being a teacher. It is in the context of a continuing education, that the knowledge acquired in the multidisciplinary areas of pedagogical intervention is assessed, more precisely in curriculum development, school administration and educational research. Therefore, the objectives of the initial expectations will be reflected upon and the planned activities will be described, fulfilled and assessed, along with the justification of decisions taken. Then, a reflective analysis is presented, identifying the perceived difficulties and training needs. Finally, I've developed a study on the topic of Formative Assessment (FA): Perception of the work of Physical Education Teachers with different years of professional experience, intending to appreciate what is the meaning that teachers give the Formative assessment and if they use it to regulate their teaching and learning-teaching process of their students.

Keywords: Teacher Training. Teaching-Learning Process. Dimensions of Educational Intervention. Formative Assessment.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	V
ABSTRACT	VII
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I- DESCRIÇÃO DAS EXPECTATIVAS INICIAIS.....	13
1. Expetativas e Opções Iniciais em Relação ao Estágio	13
1.1. Caraterização da Escola	16
1.2. História e Origens	16
1.3. A Área Envolvente da Escola - Localização.....	16
1.4. Contexto Geográfico e Acessibilidades	16
1.5. Contexto Socioeconómico	17
1.6. Estrutura Física.....	18
1.7. Caraterização dos Espaços Desportivos	18
1.8. Caraterização do Grupo de EF	19
1.9. Caraterização do Núcleo de Estágio de EF	19
1.10. Os Professores Orientadores.....	20
2. Caraterização da Turma do 1ºRB	20
CAPÍTULO III- ATIVIDADES DE ENSINO APRENDIZAGEM.....	21
1. Planeamento	21
1.1. Plano Anual.....	22
1.2. Unidades Didáticas	23
1.3. Planos de Aula.....	23
2. Realização	24
2.1. Instrução	25
2.2. Gestão Pedagógica	25
2.3. Clima/Disciplina	26
2.4. Decisões de Ajustamento	27
2.5. Avaliação	27
2.6. Componente Ético-profissional	29
CAPÍTULO IV- ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	30
1. Reflexão/Justificação das Opções Tomadas	31
1.1. Decisões Tomadas no Plano Anual	31
1.2. Decisões Tomadas nas Unidades Didáticas.....	32

1.3.	Decisões Tomadas no Plano de Aula	35
1.4.	Decisões Tomadas na Avaliação Diagnóstica, Formativa e Sumativa	36
2.	Aprendizagens Realizadas	38
2.1.	Planeamento.....	39
3.	Compromissos com as aprendizagens dos alunos	40
4.	Dificuldades Sentidas e Formas de Resolução	41
5.	Dificuldades a Resolver no Futuro e na Formação Contínua	42
6.	Inovação nas Práticas Pedagógicas.....	43
7.	Capacidade de Iniciativa e Responsabilidade	43
8.	Importância do Trabalho Individual e do Grupo.....	44
9.	Impacto do Estágio na Realidade do Contexto Escolar	45
10.	Prática Pedagógica Supervisionada.....	46
11.	Questões Dilemáticas	47
12.	Experiência Pessoal e Profissional	48
CAPÍTULO V- TEMA/PROBLEMA.....		48
1.	Introdução e Justificação do Tema	48
2.	Pertinência do Estudo	50
3.	Objetivos do Estudo	51
4.	Quadro Teórico ou Estado da Arte	51
4.1.	Avaliação	51
4.2.	Tipos e Funções da Avaliação	52
4.3.	A Avaliação Formativa e a Autoavaliação.....	54
5.	Metodologias Utilizadas	56
5.1.	Tipo de Investigação.....	56
5.2.	Produção do Sistema de Avaliação Formativa	57
5.3.	Dificuldades sentidas	57
6.	Reflexão	58
7.	Inquérito por Questionário	59
8.	Amostra do Questionário	60
8.1.	Caraterização da Professora Estagiária	60
8.2.	Caraterização dos Professores Estagiários	60
8.3.	Caraterização dos Professores de Educação Física com mais anos de experiência	61
9.	Apresentação dos Resultados	61

9.1. Professora Estagiária (Eu)	61
9.2. Os Professores Estagiários.....	62
9.3. Os Professores de EF da ESDD.....	63
10. Interpretação dos Resultados obtidos	65
11. Conclusão.....	69
Bibliografia	70
Anexos	74

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Análise dos dados recolhidos da Professora Estagiária.....	61
Gráfico 2: Análise dos dados recolhidos dos Professores Estagiários.....	63
Gráfico 3: Análise dos dados recolhidos da Professora Estagiária.....	65

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Resumo de indicadores de análise dos questionários aplicados.....	59
Tabela 2: Tabela representativa dos anos de experiência e os traços dominantes do professor.....	60
Tabela 3: Apresentação das comparações do trabalho que fiz com os outros professores.....	65
Tabela 4: Exemplo de uma ficha de Recolha de dados de Heteroavaliação dos alunos.....	75
Tabela 5: Ficha de Recolha de Avaliação Formativa.....	76

ABVREVIATURAS

1ºRB - Curso Profissional Técnico de Restauração Restaurante/Bar

AECO – Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste

AF – Avaliação Formativa

EC – Expressão Corporal

EE – Encarregados de Educação

EF - Educação Física

ESDD - Escola Secundária D.Duarte

FB – Feedback

FCDEF-UC- Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra

MEEFEBS - Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

NE – Núcleo de Estágio

PEA - Processo Ensino Aprendizagem

TIC - Tecnologia e Informação da Comunicação

UC – Unidade Curricular

UD - Unidade Didática

INTRODUÇÃO

A realização do Relatório Final de Estágio significa para mim o culminar de um processo de formação. Este insere-se no âmbito da unidade curricular de Estágio Pedagógico, integrada no segundo e último ano do Mestrado em Ensino da Educação Física dos Ensinos Básico e Secundário, da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra (FCDEF-UC).

O Estágio foi realizado na Escola Secundária D. Duarte, em Coimbra, no ano letivo 2013/2014, sendo uma etapa fundamental e marcante na minha transição de discente para docente.

Este relatório tem como principal objetivo a exposição e análise crítica da atividade docente, desenvolvida ao longo do estágio pedagógico. Serão identificadas as tarefas realizadas, será aferido o nível de consecução entre os objetivos atingidos e aqueles aos quais me propus atingir, retirando assim os aspetos positivos e negativos do mesmo. É necessário proceder-se a uma retrospectiva de todo o percurso, analisando todas as experiências, as aprendizagens extra que tive de realizar e tudo o que foi alcançado e o que poderia ter sido melhorado.

A primeira parte do relatório baseia-se na descrição e reflexão acerca da prática pedagógica desenvolvida, já a segunda é referente ao tema de aprofundamento acerca da Avaliação Formativa: “Perceção do trabalho dos Professores de Educação Física com diferentes anos de experiência profissional”.

Este documento tem como principais objetivos: descrever as atividades desenvolvidas enquanto professora estagiária, refletir sobre o percurso realizado durante o ano letivo 2013/2014 e apresentar os resultados do estudo sobre a Avaliação Formativa (AF) nas aulas de Educação Física e os instrumentos utilizados na mesma.

CAPÍTULO I- DESCRIÇÃO DAS EXPECTATIVAS INICIAIS

1. Expetativas e Opções Iniciais em Relação ao Estágio

Durante a Licenciatura em Desporto e Lazer não tive grandes oportunidades que me preparassem para lecionar. No entanto, no mestrado tive uma preparação especializada para a aplicação de conhecimentos alargados e multidisciplinares de intervenção profissional no ensino secundário, nas unidades curriculares de Desenvolvimento Curricular, de Didática Pedagógica, de Administração Escolar e de Avaliação em EF, sendo que nas práticas, as aulas eram lecionadas para os meus colegas que estavam a frequentar o MEEFEBS e era completamente diferente, pois eles colaboravam connosco e a preparação física, as aprendizagens e as capacidades, já estão praticamente adquiridas.

Meses antes de entrar no estágio, os sentimentos de ansiedade, de angústia e de medo acompanharam os meus dias. Ainda me lembro do primeiro dia de aulas, não sentia bem os membros inferiores, mas logo ali consegui identificar quais os alunos que poderiam apresentar comportamentos de desvio, pelas conversas paralelas e pelo fato de não conseguirem estar quietos, este era um dos objetivos que pretendia atingir numa primeira abordagem com os alunos, identificar os seus comportamentos e a sua personalidade.

Aos poucos consegui ultrapassar esses tais sentimentos, ficando mais confiante e com mais motivação para lecionar a Educação Física (EF) e desempenhar as funções que me eram atribuídas enquanto docente.

Liderar/orientar um grupo de alunos caracterizados pela sua heterogeneidade, transmitir os conhecimentos de forma compreensível e ajustados às necessidades dos mesmos, tendo em consideração o Programa Nacional de Educação Física, identificar níveis, avaliar desempenhos e atribuir classificações são algumas das competências que um professor tem de adquirir, e estas só se conseguem aperfeiçoar com a experiência. Penso ter conseguido adquirir essas competências e em função das informações que fui retirando acerca de cada um desses parâmetros, evolui identificando as minhas necessidades, procurando também dinamizar as minhas aulas e acima de tudo tentando adequar o programas às necessidades dos alunos e às suas preferências tentando manter a motivação dos alunos em aula.

Com este trabalho prático que desenvolvi com a turma consigo verificar que o que nos é transmitido na teoria, por vezes não se aplica na prática, pois ocorrem sempre situações das quais não estamos à espera e que nos fazem contornar por outros caminhos, e foi com estes imprevistos que posso afirmar que não foi um simples estágio, não foi um simples planeamento, mas foi sim um longo caminho de aprendizagens em comum.

Apesar de não estar tão presente na escola quanto gostaria, tentei sempre estar a par das atividades dos meus alunos e sempre que possível fiz questão de participar nas atividades promovidas pela escola, para me integrar com a comunidade educativa.

Neste ano letivo, senti que evolui a nível pessoal, na capacidade de comunicação e interação com os diferentes alunos, a nível profissional, na adequação da postura e da maneira de falar principalmente nas reuniões e atividades.

Foi um trabalho muito intenso, que promoveu o espírito de sacrifício, de identificação e resolução de problemas, de competências de lecionação e de pesquisa de conhecimentos.

Posto isto, com o Estágio Pedagógico, pretendo assegurar aprendizagens em diversos itens, tais como:

- Adquirir competências ao nível do Ensino da EF, teórica e praticamente;
- Aprimorar a produção de planos de aula e execução dos mesmos, definição de objetivos de aprendizagem;
- Adequar o Programa Nacional de Educação Física à turma e, ao nível dos alunos;
- Fornecer o feedback (FB) corretamente;
- Transmitir a instrução, ocupando pouco tempo da aula;
- Utilizar de forma correta, oportuna, e adequada o questionamento;
- Desenvolver estratégias para um posicionamento correto, circulando pelo espaço visualizando todos os alunos;
- Desenvolver uma perceção correta da forma como se deve proceder relativamente às avaliações dos alunos;
- Conhecer melhor as matérias que irei abordar, estudando os seus conteúdos, as suas componentes críticas, a sua caracterização, entre outros;

- Adquirir conhecimentos práticos relativamente a cada matéria que irei abordar, observando aulas de outros professores ou indo ao desporto escolar;
- Desenvolver estratégias que visem motivar os alunos para as tarefas a desempenhar;
- Promover situações que potenciam a aprendizagem dos alunos;
- Utilizar a terminologia correta e simples permitindo que os alunos compreendam a mensagem por mim transmitida, e executem na prática o que foi, anteriormente, solicitado;
- Desenvolver a capacidade para elaborar de forma apropriada e correta a extensão e sequência de conteúdos de cada Unidade Didática (UD);
- Desenvolver a capacidade para elaborar as Progressões Pedagógicas referentes a cada UD;
- Desenvolver a capacidade para corresponder às dificuldades de cada aluno, de modo a encontrar estratégias que potenciem a resoluções dos problemas encontrados;
- Tentarei saber ouvir e fazer-me ouvir, não só com os alunos, mas também com o Núcleo de Estágio (NE), o Orientador de Escola, e o Orientador Universitário;
- Procurarei aceitar críticas que me vão ser propostas, e encontrar estratégias que me permitam evoluir como profissional;
- Adquirir a capacidade de trabalhar em grupo, e corresponder no que diz respeito ao trabalho a efetuar;
- De que forma o cargo de gestão intermédia de Diretor de Turma e, retirar ilações e aprendizagens deste mesmo cargo;
- Em relação à avaliação dos alunos, pretendo realizar uma avaliação exigente e coerente, prevalecendo a avaliação contínua e não apenas um momento único.

CAPÍTULO II- CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA

1.1. Caraterização da Escola

Existem muitas atividades que levam o professor estagiário a agir a vários níveis na comunidade educativa, quer no conhecimento/compreensão e intervenção na turma, no decorrer da aula ou nos intervalos e fora do contexto escolar, quer no âmbito das dinâmicas da escola em geral, ou na partilha de informações e interação com o grupo de professores.

1.2. História e Origens

A inauguração oficial do Liceu Nacional de D. Duarte ocorreu a 17 de Abril de 1969, contando com a presença do Senhor Presidente da República, este passou a ser assinalado como o Dia da Nossa Escola.

Em 1978, mudou o estatuto do Liceu, tomando a partir daí a designação de Escola Secundária D.Duarte.

1.3. A Área Envolvente da Escola - Localização

A Escola Secundária D. Duarte localiza-se na entrada Sul da cidade de Coimbra, e pertence à freguesia de Santa Clara, uma das seis freguesias urbanas da cidade. Está situada na Margem Esquerda do Mondego, num espaço privilegiado, pela riqueza do seu património construído e pela sua beleza paisagística.

1.4. Contexto Geográfico e Acessibilidades

Como elementos de referência fundamentais da área geográfica destacam-se os seguintes: a Quinta das Lágrimas, os Conventos de Santa Clara-a-Velha, de Santa Clara-a-Nova e de S. Francisco, o Portugal dos Pequenitos e o Parque Verde do Mondego.

Em virtude da inauguração da Ponte Rainha Santa Isabel, em Abril de 2004, verificaram-se substanciais melhorias na acessibilidade à Margem Esquerda e também à Escola Secundária de D. Duarte.

No final de 2006, foi inaugurada a Ponte Pedonal “Pedro e Inês”, junto ao Parque Verde, permitindo aos peões um acesso mais rápido à Escola, para além de ser um percurso mais agradável. Apesar destas recentes alterações, o acesso não é fácil para a maioria da comunidade educativa que não se fazem transportar de automóvel. Com efeito, uma parte considerável dos alunos ainda utiliza o comboio (saindo na Estação Coimbra A e Estação do Parque) ou o autocarro.

Acontece que as paragens se encontram a cerca de 300 metros da Escola, o que, para além do tempo gasto, se torna muito incómodo durante o Inverno, com chuva e frio.

A partir do ano letivo de 2009/2010, criou-se um novo tipo de mancha horária que pretende, entre outros objetivos, melhorar a articulação entre o horário escolar e os transportes coletivos e proporcionar aos alunos algumas tardes sem atividades letivas.

Assim, as aulas passaram a ter início às 8.30h para terminarem às 12.35h/13.20h, no turno da manhã e o turno da tarde passou a ter início às 13.45h/14.30h, para terminar às 16.55h/17.50h.

1.5. Contexto Socioeconómico

Na área envolvente da Escola, assinalam-se contrastes socioeconómicos consideráveis. Por um lado, na Baixa de Santa Clara, junto ao Convento de Santa Clara-a-Velha, há um núcleo habitacional antigo, bastante degradado, assim como edifícios com outras funções urbanas: Galeria-Bar Santa Clara, Jardim-Escola, restaurantes, seção da International House, e outro pequeno comércio.

Em síntese, pode afirmar-se que a requalificação da área envolvente à escola tem vindo a ser feita a vários níveis: alterações na circulação rodoviária, transformação do Convento de S. Francisco em Palácio de Congressos, construção do Fórum Coimbra, no planalto de Santa Clara, ampliação das instalações do Portugal dos Pequenitos, obras de restauro e de pesquisa arqueológica no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha, conclusão dos equipamentos ligados à Praça da Canção para a realização de espetáculos e da festa da Queima das Fitas, Complexo de piscinas ao ar livre e o Exploratório - Ciência Viva.

Para a recolha de dados relativos à caracterização socioprofissional das famílias dos alunos desta escola, foram utilizados os inquéritos, realizados no início do ano letivo, a todas as turmas, tendo sido inquiridos 495 alunos.

Através da análise dos dados dos inquéritos verifica-se que, no total dos 453 alunos que responderam a esta questão, uma pequena parte (14,8%) reside no perímetro urbano, a menos de 2 quilómetros, sendo que a maior parte (51,7%) vive na zona de periferia urbana, a distâncias compreendidas entre os 2 e os 10 quilómetros, e os restantes, em zonas rurais, a uma distância superior a 10 quilómetros (33,6%).

1.6. Estrutura Física

O edifício da Escola, no seu corpo central, mantém-se aparentemente inalterado desde o ano da sua construção, apesar das modificações (internas e externas) realizadas na tentativa de responder às novas necessidades que nele operaram.

A Escola Secundária D.Duarte, agora pertencente ao Agrupamento de Escolas Coimbra Oeste (AECO), é composta por cerca de 75 docentes e 28 assistentes operacionais e técnicos (funcionários) distribuídos pelas funções de Administração Escolar, Auxiliar, Cozinha e Segurança.

A escola oferece dois tipos de cursos, os Científicos e os Profissionais. Os Cursos Científicos Humanísticos são constituídos por 10^o, 11^o e 12^oanos, existem três turmas para o 10^o e 11^oanos e quatro turmas para o 12^oano. Os Cursos Profissionais apresentam três anos, o 1^o é constituído por quatro turmas, o 2^o por cinco turmas e o 3^o por seis turmas, fazendo um total de aproximadamente, 500 alunos nesta instituição.

1.7. Caracterização dos Espaços Desportivos

Como espaço interior para a prática de Educação Física, a escola dispõe de um pavilhão multiusos, uma galeria, balneários (M e F), um gabinete de EF para os professores, instalações sanitárias e uma sala de arrumação de material desportivo.

Relativamente aos espaços exteriores, estes são compostos por um campo de futebol com duas balizas fixas, dois campos de basquetebol, com quatro tabelas fixas, uma caixa de areia e um espaço amplo por trás do pavilhão. Ainda ao lado

destes campos encontram-se dois campos de voleibol com duas redes já montadas e um espaço livre atrás do ginásio que normalmente se utiliza para abordar a modalidade de Ténis.

1.8. Caraterização do Grupo de EF

O grupo é constituído por 4 professores de EF, 3 do sexo masculino e 1 do sexo feminino, com idades compreendidas entre 40 e 60 anos.

É um grupo com personalidades fortes, onde cada um exprime as suas ideias e é confrontado com ideias contrárias às suas, no entanto tenta sempre chegar a um acordo em prol do grupo.

É visível o ambiente colaborativo entre os professores sempre que é necessário mover recursos tanto humanos como espaciais para alguma atividade procurando assim o sucesso coletivo, ou, até mesmo na partilha de conhecimentos.

1.9. Caraterização do Núcleo de Estágio de EF

O Núcleo de Estágio em que me incluo é constituído por 3 pessoas, das quais 2 do sexo feminino e 1 do sexo masculino.

Pelo facto de termos tirado a nossa licenciatura em faculdades distintas, e de entrarmos no mesmo mestrado, mas não termos qualquer contato no 1º ano, acabámos por nos aproximar apenas no 2º ano do mestrado devido ao estágio, onde posso considerar que a nossa relação foi pacífica, com alguns altos e baixos devido a algumas discordâncias em certas opiniões, mas que conseguimos ultrapassar.

A decisão de ter que escolher uma escola para estagiar não passou por mim, pois eu estava ausente e deleguei uma pessoa responsável para fazer essa escolha. Esta tinha alguns critérios, preferencialmente teria, se fosse possível, que ser uma escola em Coimbra, devido ao ficar mais próximo da minha zona de residência, logo não pude verificar quais seriam os meus colegas de estágio. Por este motivo, tentei sempre manter uma relação de respeito procurando sempre obter a opinião dos mesmos para algo relacionado com o estágio e com a nossa intervenção.

Relativamente ao acompanhamento das aulas os meus colegas estiveram dispostos a apoiar, foram críticos e ajudaram a melhorar a minha performance e conhecimento, por vezes senti alguma falta de apoio do meu grupo mas consegui

sempre ultrapassar as minhas dificuldades, tendo que procurar a ajuda necessária fora do núcleo e da escola.

1.10. Os Professores Orientadores

O professor Orientador da ESDD, Fernando Costa, mostrou-se um suporte fundamental para a minha aprendizagem, a sua orientação, supervisão e imensa disponibilidade em ajudar e incentivar o meu conhecimento e performance fez-me crescer tanto a nível profissional como a nível pessoal.

O professor Orientador da Faculdade, Paulo Nobre, foi importante para o meu esforço, dedicação e empenho. A sua orientação e principalmente o seu sentido crítico, fizeram-me contemplar certos aspetos pedagógicos e de outra forma, levou-me a pensar mais além e a ver o ensino de uma forma mais simplificada.

2. Caraterização da Turma do 1ºRB

A caraterização da turma foi realizada através da análise de inquéritos entregues aos alunos no dia 16 de Setembro e também da ficha biográfica do aluno. Foram também entregues questionários aos Encarregados de Educação (EE) que contabilizaram para esta caraterização.

Identificação dos alunos: A turma é composta por 25 alunos, dez rapazes e quinze raparigas, com uma média de idade entre os 16 e 17 anos. Na identificação dos alunos é possível verificar que a maioria mora a mais de 10km da escola, assim, a deslocação para a escola é realizada por autocarro. Apenas 6 alunos vêm a pé.

Agregado familiar: 11 alunos vivem com os pais e 10 alunos vivem com outro familiar, 11 alunos refere que vive com 4 pessoas em casa, incluindo o próprio. 13 Alunos têm apenas 1 irmão/irmã e 6 têm 2 irmãos/irmãs. Relativamente ao grau de instrução dos seus Encarregados de Educação, a maioria apresenta o 2º e 3º ciclos.

Relação aluno/escola: 17 Alunos da turma responderam que estudavam por acharem necessário. Os alunos, 11, responderam que face aos maus resultados sentem-se determinados a melhorar. Em relação ao número de alunos com retenções, este é alarmante, sendo que apenas 5 alunos não apresentam retenções. A qualidade mais importante num professor para eles é saber ensinar sendo que a

menos importante é dar boas notas. 15 Alunos têm computador portátil em casa e usam-no preferencialmente para irem às redes sociais.

Relativamente à Educação Física, 17 alunos mantêm uma vida sedentária, sem qualquer hábito desportivo/prática desportiva, e 8 alunos praticam atividades como futebol, futsal, ginástica, MMA, atletismo, natação e Kickbox, sendo que numa turma de 25 alunos são muito poucos os que pensam em realizar alguma prática desportiva.

A análise a estas respostas permitiram-me conhecer melhor a turma, verificando que nem todos vivem num contexto socioeconómico favorável. Alguns dos alunos vivem em instituições e não estão satisfeitos com a sua vida nela, outros têm imensos problemas familiares, sendo que, transportam esses mesmos problemas para a escola e para o ceio das suas amizades.

Fui-me apercebendo destes descontentamentos ao longo do meu percurso como professora estagiária, através de atitudes e certas reações que me fizeram intervir e querer saber um pouco mais destes, para de alguma forma, amenizar os seus pensamentos inquietantes. Procurei sempre estar atenta ao percurso escolar dos mesmos tentando manter uma relação de amizade e de respeito mútuo.

CAPÍTULO III- ATIVIDADES DE ENSINO APRENDIZAGEM

Este capítulo está dividido em dois domínios, o planeamento e a realização. Apresento a descrição de cada um através de uma breve análise, posteriormente será realizada uma reflexão acerca do trabalho desenvolvido em cada domínio, esta é apresentada no capítulo seguinte.

1. Planeamento

No âmbito do planeamento realizei ao longo do ano letivo diferentes documentos, apesar serem distintos todos eles visaram o mesmo objetivo, a adequação do Processo de Ensino-Aprendizagem (PEA) às condições com que me fui deparando.

Ramirez (2002) defende que o planeamento definido tecnicamente corresponde à função reflexiva do docente com vista a organizar flexível e sistematicamente os conteúdos do currículo e a intervenção docente, em função dos objetivos educacionais, de forma a antecipar um plano de ação eficaz. O papel do professor nesta tarefa torna-se fundamental, pois a ele cabe transformar e adaptar o currículo através do seu planeamento.

A antecipação do ensino depende de decisões referentes aos objetivos, ao conteúdo, às opções metodológicas, à organização das condições de aprendizagem e à participação dos alunos, bem como à avaliação dos resultados por eles alcançados e do processo realizado.

1.1. Plano Anual

O plano anual é um documento que projeta o desenrolar da atividade docente durante o ano letivo. Aporta várias linhas gerais, como a especificação dos objetivos para a turma, partindo de uma caracterização prévia feita no início do ano letivo e tendo em conta os recursos espaciais, os materiais disponíveis, o programa de Educação Física para o Ensino Secundário e uma avaliação diagnóstica que deve ser realizada para todos os blocos de matérias a abordar.

Na planificação do ensino, é necessário ter em atenção a rotação dos espaços e as unidades didáticas a abordar, devendo adequá-las tendo em conta as condições existentes para maximizar o PEA.

O planeamento anual deve conter orientações metodológicas e estratégias que contemplem as fases de introdução, de exercitação ou consolidação e deve contemplar ainda as diversas funções de avaliação e os momentos em que estas devem ser aplicadas. Um plano anual, para Bento (2003: 59) “é um plano de perspetiva global que procura situar e concretizar o programa de ensino no local e nas pessoas envolvidas. Os objetivos indicados para cada ano no programa, são objeto de uma formulação avaliável e concreta para professores e alunos, requerendo trabalhos preparatórios de análise e de balanço, assim como reflexões a longo prazo”.

1.2. Unidades Didáticas

A unidade didática é um documento de auxílio para o professor onde está contemplada a informação necessária para que o PEA se torne mais eficaz, possuindo os sistemas de avaliação, o regulamento básico da modalidade em questão, com a técnica e a tática, os estilos de ensino a adotar, as componentes críticas dos exercícios, as progressões pedagógicas, as estratégias, as metodologias, os objetivos gerais e específicos para a turma, e os conteúdos a lecionar.

Na planificação de uma unidade didática, o professor tem de ter em atenção os conteúdos programáticos que seleciona para abordar, consoante a modalidade escolhida, devendo direcioná-los de acordo com o ano de ensino e os níveis: introdutório, elementar e avançado, de cada aluno ou grupo de alunos. Estes objetivos serão divididos em três níveis: psicomotor, sócio afetivo e cognitivo.

A UD não é um documento que não possa ser alterado, pelo contrário, esta deve ser reajustada após realizada a avaliação diagnóstica, permitindo ir ao encontro das necessidades dos alunos a fim de promover aprendizagens.

Partindo deste pressuposto, cada estagiário em consonância com o orientador de estágio da escola, teve autonomia no sentido de proceder à elaboração da extensão e sequência dos conteúdos, tendo em conta o nível de desempenho dos seus alunos, planificando assim o ensino.

As unidades didáticas são partes essenciais do programa de uma disciplina. Constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem (Bento, 2003).

1.3. Planos de Aula

O plano de aula deriva da planificação já realizada na UD, claro tendo em conta os espaços disponíveis, a caracterização da turma e todos os aspetos importantes que já foram referidos atrás, sendo o ensino um processo elaborado por várias fases desde o plano anual, depois as unidades didáticas e posteriormente os planos de aula.

Para a construção de um plano de aula são necessárias pontificar algumas questões como:

- Os conteúdos que vamos privilegiar nessa aula;
- Como é que o vamos fazer (tipo de tarefas /organização);
- Em que momentos da aula (sequência na sua abordagem inicial, fundamental ou final);
- Durante quanto tempo e qual o seu objetivo, tanto para o professor mas sobretudo para o aluno (tempo destinado à prática);
- A seleção das tarefas adequadas à fase da aula e ao alcance dos objetivos desta;
- A esquematização dos exercícios;
- O tipo de instrução que se quer transmitir aos alunos, com o propósito de realizar uma antevisão dos erros mais comuns e emitir feedback's para correção desses mesmos erros, ou, por outro lado, apenas para clarificar as principais componentes críticas de cada conteúdo a abordar, reforçar as condutas de segurança, condições de realização e critérios de êxito, entre outros).

É através da realização dos planos de aula que conseguimos conferir a coerência e a continuidade de uma UD.

2. Realização

O professor deve promover a avaliação como um processo que auxilia o aluno a aprender mas também a aperceber-se daquilo que é necessário fazer para adquirir essa mesma aprendizagem, sustentada também na “transmissão”, assumindo que ensinar é fazer aprender, levando o aluno a adquirir capacidades que lhe permitam apropriar-se do processo de aprendizagem, no qual o feedback tem um papel fundamental.

No domínio da realização procurei promover o feedback agindo de acordo com as Dimensões da Intervenção Pedagógica: Instrução, Gestão, Clima/Disciplina e Decisões de Ajustamento.

“O docente eficaz é aquele que encontra os meios de manter os seus alunos empenhados de maneira apropriada sobre o objetivo, durante uma percentagem de tempo elevada, sem ter de recorrer a técnicas ou intervenções coercitivas, negativas ou punitivas” (Siedentop, 1998).

2.1. Instrução

Na dimensão instrução, a minha maior preocupação era transmitir a informação de forma sucinta e objetiva, focando os pontos fulcrais a abordar em cada aula. As minhas prioridades foram sempre utilizar diferentes estratégias de intervenção, nomeadamente através de uma linguagem simples, de uma comunicação gestual e de demonstrações que facilitassem a compreensão dos gestos técnicos, em modalidades coletivas, como no voleibol e no badminton, e dos exercícios na sua totalidade.

Nem todas as aulas tiveram o sucesso pretendido, havendo aspetos a melhorar, mas para isso é que estamos em formação e, é com a experiência que se adquire conhecimento.

Numa parte inicial da aula devemos focar os objetivos, conteúdos, tarefas e regras. Penso que é mais fácil de assimilar a instrução, quando esta é acompanhada de demonstração, podendo utilizar-se o aluno como agente de ensino facilitando a comunicação do professor. Por vezes também é necessário testar o conhecimento dos alunos e realizar um questionamento antes de introduzir qualquer informação acerca do exercício ou da modalidade em questão.

Numa aula quando se dá a instrução é necessário focar os aspetos mais importantes da mesma, tendo sempre em atenção a segurança dos alunos planeando atividades que não coloquem em risco a sua integridade física, a comunicação da informação deve ser breve não consumindo tempo de aula recorrendo a materiais didáticos/meios auxiliares diversificados para aumentar os canais de comunicação, reduzindo possíveis incompreensões na transmissão oral do professor. Por vezes também recorri a questões curtas e simples como forma de controlar a compreensão da instrução pelos alunos. A transmissão do feedback pedagógico foi realizada com o intuito de melhorar a qualidade do empenhamento motor do aluno numa determinada tarefa, averiguando a concretização dos objetivos de aprendizagem pelo aluno, acompanhando posteriormente a prática consequente ao feedback, verificando se este teve o efeito pretendido, para voltar a diagnosticar e prescrever caso seja necessário.

2.2. Gestão Pedagógica

No que diz respeito à gestão do tempo, este foi um dos parâmetros em que me senti menos à vontade, ao longo deste Estágio. As aulas eram planeadas de forma a otimizar o tempo de prática dos alunos, mas a minha maior dificuldade era conseguir ir ao encontro dos tempos definidos para cada parte da aula no plano. Um dos meus objetivos passava por terminar de lecionar a unidade didática e conseguir verificar uma grande evolução nos meus alunos, para isso era necessário verificar e detetar os erros na aula para conseguir na hora definir uma estratégia para o ajudar a melhorar na sua aprendizagem, o que por vezes me “roubava” tempo para seguir o planeamento efetuado.

Relativamente à organização das atividades e transição entre tarefas procurei: diminuir os tempos de gestão, reduzir a média de tempo gasto em episódios de transições, definir rotinas específicas que promovessem a aprendizagem, evitar interromper o fluxo de aula, definindo e mantendo o ritmo e o entusiasmo pela aula, através de introdução de novos exercícios, dando a instrução grupo a grupo, e tentando prever comportamentos de desvio dos alunos.

2.3. Clima/Disciplina

No que diz respeito ao controlo ativo, nesta categoria, estando consciente das fortes implicações que o feedback tem nas dimensões clima, gestão e disciplina, procurei manter um posicionamento correto, mantendo sempre no meu campo visual todos os alunos, controlando à distância a sua atividade, circulando entre grupos sem desviar a atenção da prática dos alunos, procurando estar mais próximo destes, interagindo positivamente com os alunos elogiando e estimulando, procurando assim encorajá-los para a atividade.

A criação de um clima favorável à aprendizagem, prevalecendo um respeito mútuo entre professor e aluno, torna-se um valor que é fundamental existir e prevalecer numa aula. Por este motivo, procurei ao longo do ano criar o equilíbrio que permitisse uma boa relação com os alunos, mantendo simultaneamente o respeito dos alunos entre si.

Tendo em consideração que o processo comunicativo contribui para a criação de um clima positivo, procurei em primeiro lugar estar disponível para ouvir os alunos, assumindo a comunicação como um processo de interação com o outro. Enquanto emissor tentei sempre descrever sem julgar e sem formular juízos de

valor, procurei também prestar atenção às pistas não-verbais dos alunos. Já no papel de receptor, o contato visual, a postura, o alinhamento corporal e as expressões faciais foram sempre medidas, evitando qualquer tipo de reação por parte do aluno. Numa intervenção inicial, integrar os alunos através de um ambiente afetivo positivo, até mesmo cumprimentando-os, permite que o aluno encare a aula como algo positivo, acatando assim as correções do professor. Utilizar o nome próprio dos alunos até mesmo a utilização de nomes com que estes se identifiquem, promove uma interação diferente no aluno, este sente-se mais acarinhado de alguma forma e consegue ter uma postura diferente em aula. Até mesmo as interações extracurriculares são uma forma de o professor perceber o que se passa dentro da mente do aluno e como este olha para o ensino.

2.4. Decisões de Ajustamento

Ao longo do ano letivo o plano anual, as unidades didáticas e os planos de aula sofreram vários ajustamentos, provenientes de atividades e testes que foram sendo agendados. Esses ajustes decorreram aula após aula, ou porque o número de alunos a fazer aula era reduzido ou porque determinado exercício não estava a decorrer como se esperava e tinha de ser alterado.

No entanto, de uma forma global, procurei manter uma atitude reflexiva, interligando as aulas de forma lógica e sequencial, reportando-me aos resultados alcançados e aos que ficavam por alcançar, tendo em consideração que o ensino está direcionado para a realização de objetivos, como forma de obter dados que conduzam ao PEA.

Relativamente às decisões de ajustamento no desenvolvimento da aula procurei estar atento à adequação dos objetivos, conteúdos, meios e formas metodológicas propostas, assumindo que as aulas podem não seguir o rumo traçado, logo, procedi a ajustamentos nos grupos, no tempo atribuído às tarefas, nas progressões, no grau de dificuldade das tarefas e nos objetivos propostos.

2.5. Avaliação

Considerando que a avaliação tem uma importância extrema em cada matéria lecionada, pois é um instrumento que reflete o trabalho desenvolvido e o empenho do aluno ao longo de cada unidade ou período. Seguindo o que se encontra

regulamentado no Decreto-lei 129/2012, esta constitui um processo regulador do ensino, orientador do percurso escolar e certificador dos conhecimentos adquiridos e capacidades desenvolvidas pelo aluno. O seu objetivo visa a melhoria do ensino através da verificação dos conhecimentos adquiridos e das capacidades desenvolvidas.

Para o professor, a avaliação pode ser uma forma de autoavaliação do seu desempenho, consoante os resultados obtidos, ele pode analisar a sua atuação e definir se deve ou não alterar algo.

O grau de determinação dos objetivos só é possível através da análise e avaliação do PEA, permitindo deste modo, verificar em que medida o planeamento e a realização se adequam aos alunos. Neste sentido, o sistema de avaliação implementado procura dar resposta a seis questões fundamentais no processo de avaliação (porquê? para quê? o quê? como? quando? e quem?).

Assim, a avaliação segundo a Portaria nº 74-A/2013, para os cursos profissionais (capítulo II), assume um carácter diagnóstico, formativo e sumativo, visando, designadamente: informar o aluno ou o EE sobre os progressos, as dificuldades e os resultados obtidos na aprendizagem, esclarecendo as causas de sucesso ou insucesso. Adequar e diferenciar as estratégias de ensino, estimulando o desenvolvimento global do aluno nas áreas cognitiva, afetiva, relacional, social e psicomotora. Certificar a aprendizagem realizada e contribuir para a melhoria da qualidade do sistema educativo.

Nesta perspetiva, Bloom, Hastings e Madaus (1975), referem que a avaliação diagnóstica é a primeira abordagem avaliativa que proporciona ao professor adquirir informações sobre as capacidades dos alunos antes de iniciar um PEA. É também através desta avaliação que se procura a existência ou ausência de habilidades e pré-requisitos, bem como a identificação das causas de repetidas dificuldades na aprendizagem. Os mesmos autores mencionam que a avaliação formativa permite constatar se os alunos estão, de facto, a atingir os objetivos pretendidos, verificando a relação entre esses objetivos e os resultados alcançados durante o desenvolvimento das atividades propostas.

A avaliação sumativa tem como objetivo verificar o nível de domínio do aluno nas diversas competências abordadas, permitindo atribuir uma qualificação que pode ser utilizada como um sinal de credibilidade da aprendizagem realizada (Miras e Solé (1996).

2.6. Componente Ético-profissional

O professor deverá mostrar predisposição e disponibilidade total para os seus alunos e para toda a comunidade escolar, trabalhando em equipa, procurando também ser criativo nas suas práticas pedagógicas, mantendo a responsabilidade inerente à escola e ao ensino da EF. Este deve também ser autocrítico no seu trabalho, avaliando-o, procurando sempre evolução e soluções credíveis na resolução dos problemas, existindo assim, um compromisso direto com a aprendizagem dos seus próprios alunos, tendo a obrigação de adequar as aprendizagens com os diferentes níveis e diferenças individuais.

“Os professores orientam-se maioritariamente por uma perspetiva contextualista e consequencialista que considera, no particular, a proteção do outro e o cuidado, através do diálogo e da análise de situações concretas, mas também são orientados por valores como o respeito e a solidariedade, a liberdade e autonomia, a justiça, imparcialidade e igualdade, a honestidade e verdade, a responsabilidade e dignidade humanas, o rigor e a competência. Estes são princípios e valores que se revelam e expressam em domínios diversos da atividade docente, em particular na relação com os alunos, na organização curricular e condutas docentes dentro e fora da escola, em relação a colegas, ao sistema educativo e à sua profissão, mas também na relação entre professores, a família e a comunidade”.

O compromisso, sério e empenhado, com o Estágio Pedagógico, obrigou-me a proceder a uma autoformação com atualização dos conteúdos em determinadas modalidades, por ter verificado que o conhecimento relativamente a elas era limitado.

Neste ponto devo ainda destacar o trabalho de assessoria ao cargo de Diretor de Turma que foi realizado. Foram retiradas algumas conclusões sobre o seu processo interativo com os outros professores e EE. Durante o meu acompanhamento e mesmo fora dele, procurei sempre mostrar disponibilidade para ajudar na resolução de algum problema e na execução de qualquer trabalho, permitindo que consiga adquirir mais conhecimentos acerca deste cargo.

Também merecem destaque, as atividades organizadas pelo Núcleo de Estágio de EF no âmbito da unidade curricular Projeto e Parcerias Educativas, a atividade “Sensibilização ANIMA-TE” e a Semana “Tripela Contigo”, sendo dois

projetos marcantes, de vários, desenvolvidos pelos estagiários. O balanço destas duas atividades é bastante positivo.

Considero que a maior dificuldade sentida foi a nível do trabalho em grupo, tal como irei descrever mais à frente, mesmo assim, dei o melhor de mim, partilhando ideias e dando sugestões, sacrificando-me por vezes em prol do grupo, mesmo sabendo que isso não iria e não foi reconhecido.

Ao longo de todo o ano letivo, procurei ser assídua e pontual nos compromissos assumidos por mim, promovendo uma relação saudável entre todos os elementos da comunidade escolar, assim como com o meu orientador de estágio. De uma forma global, considero ter mantido uma atitude responsável com todas as pessoas com quem interagi, mostrei empenho na participação dos trabalhos de grupo, contribuindo para a sustentação de uma posição consensual, respeitando as opiniões dos meus colegas, mesmo quando estas eram contrárias à minha. Por outro lado, procurei manter uma postura de incentivo e positiva face à difícil situação em que nos encontrávamos, mesmo quando me senti desesperada perante o esmagador volume de trabalhos a que estivemos sujeitos. Não era apenas as planificações, mas sim os imensos relatórios, as imensas atividades e a quantidade de propostas que nos eram sugeridas dia-a-dia. Fica assim, uma sensação de frustração por não ter tido tempo e também de certa forma, capacidade para representar nos documentos desenvolvidos todos os conhecimentos e competências que julgo ter evidenciado no domínio da realização, assim como, valorizar o trabalho desenvolvido ao longo do estágio pedagógico e como este foi importante para a minha pessoa.

CAPÍTULO IV- ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Neste capítulo, serão apresentadas de uma forma geral, as aprendizagens realizadas e os conhecimentos adquiridos, as dificuldades sentidas e a sua resolução, as necessidades de formação, o impacto do estágio na realidade escolar, questões dilemáticas e a minha experiência profissional ao longo do estágio.

Tentarei de uma forma breve refletir sobre como elaborei todo o processo ensino aprendizagem e como superei as dificuldades enquanto professora estagiária.

1. Reflexão/Justificação das Opções Tomadas

Em todo o PEA foram consideradas três grandes competências profissionais da prática docente: a Planificação do Ensino, a Condução do Ensino e a Avaliação do Ensino.

Ramirez (2002) defende que o planeamento definido tecnicamente corresponde à função reflexiva do docente com vista a organizar flexível e sistematicamente os conteúdos do currículo e a intervenção docente, em função dos objetivos educacionais, de forma a antecipar um plano de ação eficaz. O papel do professor nesta tarefa torna-se fundamental, pois a ele cabe transformar e adaptar o currículo através do seu planeamento.

As opções e decisões tomadas no âmbito das atividades realizadas durante este ano de estágio foram, em grande parte, tomadas por todo o NE e com o consenso do professor Fernando Costa. Este deu-nos liberdade total para experimentarmos diversas situações pedagógicas, incentivando a originalidade e criatividade do Núcleo de Estágio.

No início do ano tive diretrizes imprescindíveis do professor Fernando Costa, relativamente à sua experiência com novas turmas na escola. O meu primeiro contato com os alunos no dia da apresentação foi essencial para conseguir retirar algumas informações dos alunos e verificar os comportamentos dos mesmos e as relações com os seus EE.

A seguir, justificarei, as opções tomadas ao longo do ano, relativamente às atividades de Planeamento, Realização e Avaliação do ensino.

1.1. Decisões Tomadas no Plano Anual

No que diz respeito ao planeamento do Plano Anual, este permitiu-me conhecer a escola e o seu meio envolvente, percebendo desde logo o ambiente em que os alunos estão inseridos e as condições que tinham para realizar as aulas, como o material e o espaço. Deste, constou também a caracterização da turma que permitiu perceber os tipos de rotinas e costumes dos alunos com quem iria lidar.

Para além destas informações retiradas dos questionários aplicados inicialmente, foram-me dadas informações relevantes pelo Professor Fernando Costa, acerca de alguns alunos que apresentam um currículo especial, no sentido de obter mais informações acerca desses alunos, reuni-me com as professoras de Educação Especial para conseguir perceber qual seria a melhor forma de lidar com esses alunos. Por este motivo penso ser bastante importante a existência de uma formação escolar que permita aos professores desenvolverem a parte relacional e comunicativa com os diferentes alunos.

Ainda no plano anual, de acordo com os espaços e materiais didáticos disponíveis, foi elaborada uma calendarização das várias unidades didáticas pelo ano letivo.

No início das aulas de EF, tentei conhecer os hábitos desportivos dos alunos, se ainda praticam algum desporto federado extracurricular, se não praticam e por que motivo, registando esses dados numa ficha construída por mim.

1.2. Decisões Tomadas nas Unidades Didáticas

Relativamente às Unidades Didáticas estas foram planeadas e programadas por mim, com base em algumas pesquisas. Assim, de acordo com o documento de rotatividade dos espaços para o presente ano letivo, foram organizados e estruturados todos os módulos a lecionar, Jogos Desportivos Coletivos I- Voleibol, Ginástica I- Solo, Aptidão Física I e Atividade Física/Contextos e Saúde I, Desportos e Atividades de Raquetas I- Badmínton e Danças I- Tradicionais Portuguesas.

Para essa planificação houve a preocupação de formular uma sequência lógica das unidades didáticas, utilizando estratégias para que os alunos conseguissem participar com algum interesse e empenho nas atividades propostas.

Seguindo a ordem dos módulos acima mencionados, no primeiro, abordando a modalidade de voleibol, não senti grandes dificuldades pois na minha formação académica tive várias experiências com esta modalidade e facultaram-me vários documentos sobre a mesma. Nesta optei por criar várias progressões pedagógicas de forma a conseguir que todos os alunos pelo menos adquirissem as componentes técnicas necessárias para assimilarem o gesto técnico remate, sendo este onde os alunos revelaram mais dificuldades.

Na ginástica de solo, sendo uma modalidade que me sinto bastante à vontade, pois já fui praticante, fiquei com a sensação que não ensinei tudo o que queria transmitir aos meus alunos, pois a minha preocupação, extensível a todos os módulos, era que os alunos aprendessem os elementos, os gestos técnicos, as noções básicas de determinada modalidade. Focando-me muito no aperfeiçoamento da técnica, não acho que seja totalmente errado, mas para a quantidade reduzida de aulas que existem para o ensino da EF torna-se difícil abordar um pouco de tudo.

No badmínton, foi onde eu mais aprendi e ao mesmo tempo mais necessitei de procurar informação pois na minha formação académica não tive qualquer contato com a modalidade, nem sequer qualquer tipo de informação. Antes de lecionar esta modalidade sentia uma grande ansiedade e algum receio, frequentei o desporto escolar, observei aulas, com o intuito de aprender os gestos técnicos, aprender o funcionamento das pontuações em pares e de perceber algumas progressões pedagógicas que poderiam ser adaptadas posteriormente nas minhas aulas. Sendo este um módulo em que não me sentia nada á vontade, fiquei completamente surpreendida por ter conseguido superar as minhas dificuldades, adquirindo imensos conhecimentos e conseguir transmitir aos meus alunos entusiasmo, motivação. Estes obtiveram um empenho enorme ao longo das aulas. Retiro como conclusão que foi muito gratificante para mim lecionar Badmínton.

O módulo número cinco de Aptidão Física e o número seis de Atividade Física/Contextos e Saúde, foram lecionados em conjunto, pois quinto é um módulo teórico e como já conhecia os meus alunos e sabia que estes não iriam estar concentrados e as aulas iriam tornar-se em algo desmotivador para estes, optei por no início dar a técnica introduzindo a matéria/os conteúdos, muitas vezes utilizando o questionamento direto aos alunos e outras lançando questões para o “ar”, ocupando então os 20 minutos iniciais da aula. De seguida introduzia então o sexto módulo, através de exercitação da condição física, neste módulo, os alunos mostraram bastante empenho, pois a maioria dos mesmos sentia que estava no ginásio e que os exercícios eram desafiadores para os mesmos. Já as raparigas sentiam que ao fazerem a exercitação poderiam tonificar o corpo e perder massa gorda. Estas aulas tornaram-se mais alegres com a utilização de uma música de fundo, por vezes utilizei-a como uma marca para realizarem a rotação das estações, consegui desenvolver com os alunos um trabalho de cooperação e ao mesmo tempo desenvolver as capacidades coordenativas dos mesmos. Também fui transmitindo

alguns conhecimentos sobre anatomia, para estes utilizarem os termos técnicos dos músculos e ossos.

Depois destas aulas, senti que os alunos ficaram com algumas noções básicas de exercícios que podem ir realizando em casa e que fazem toda a diferença no dia-a-dia.

Fiquei com a sensação que estes se sentiam mais à vontade para esclarecer alguma dúvida e interiorizaram a forma correta para realizar certos exercícios, pois pude verificar que nas aulas seguintes eles mesmos quando estavam algum tempo parados na aula, iniciavam por exemplo flexões de braços.

Por fim, o último módulo a lecionar, Danças Tradicionais Portuguesas, permitiu também desenvolver algumas habilidades e adquirir certos conhecimentos, pois na minha formação académica, também não tive qualquer formação nesta área. Então como estava muito ansiosa pois já tinha visto alguns vídeos e foi extremamente difícil reproduzi-los sem qualquer conhecimento básico, manifestei esta minha preocupação e insegurança ao professor orientador Fernando Costa e este ajudou-me realizando comigo algumas danças tradicionais que eram já abordadas na escola. Mesmo assim, como ainda não me sentia preparada e era algo novo para mim, não sendo fácil de aprender de um dia para o outro, pedi ajuda a umas amigas para me transmitirem os seus conhecimentos acerca das danças que utilizavam no seu grupo folclórico. As músicas utilizadas eram compatíveis com as da escola mas as coreografias tinham pequenos ajustes, então foi só reproduzi-las, filmando-as para depois conseguir treinar e mostrar posteriormente aos alunos em aula.

Esta estratégia de mostrar as filmagens antes de executar as danças foi bem conseguida, pois os alunos identificaram alguns passos e foi mais fácil para eles depois aplicarem-nos, a dificuldade que eu senti mais e que vi que também se refletiu neles, foi a marcação dos tempos enquadrados com a coreografia, ou seja o sincronismo. Percebi que teria sido mais fácil se os tivesse sentado no início das coreografias e tê-los colocado a marcar os tempos, mas com a exercitação eles foram aprendendo e interiorizaram a coreografia e a música, muitos deles até já sabiam a letra da música.

Inicialmente estava com algum receio pois já ouvia os comentários deles nos módulos anteriores quando me perguntavam o que iria ser lecionado posteriormente, e quando referia que seria dança eles diziam que não viriam às aulas. Perante estes

comentários, optei por definir logo as regras, como por exemplo, definir como obrigatório os alunos criarem pares mistos, evitando desta forma a criação de muitos pares do mesmo gênero.

Olhando agora para o trabalho realizado, é com agrado que olho para o desempenho dos meus alunos e o conjunto de danças que consegui realizar com eles. Foram bastante receptivos às minhas propostas, tendo realizado algumas atividades fora do contexto de aula ligado às danças. Também como uma forma de diversificação e para ajudar na correção de alguns erros detetados, optei por participar nas aulas com os alunos, realizando as coreografias com estes dando feedback ao mesmo tempo.

A extensão e sequência dos conteúdos permitiram articular e delimitar os conteúdos a lecionar, organizando assim os planos de aula.

1.3. Decisões Tomadas no Plano de Aula

Os Planos de Aula foram realizados mediante as variadas unidades didáticas tendo em conta os conteúdos dos programas e o nível em que a turma se encontrava, procurando em todas as aulas atingir o objetivo previamente proposto.

Em cada um dos planos tive a preocupação de escolher os exercícios adequados às necessidades dos alunos.

“A aula de Educação Física, assim como todas as formas de ensino ou de exercitação em desporto é como qualquer outra sessão de ensino racionalmente organizada, estrutura-se normalmente em três partes: parte preparatória, parte principal e parte final.” (Bento, 2003).

Para todas as aulas elaborei três fases/partes, cada uma com diferentes objetivos.

A parte inicial/principal da aula tinha como principal finalidade proceder à ativação geral e fisiológica dos alunos, realizando um aquecimento e uma mobilização articular em seguida, para que estes elevassem a temperatura corporal e preparassem o organismo para o esforço a ser realizado ao longo da aula.

Dependo da modalidade, como aquecimento, realizei alguns exercícios/jogos lúdicos, diversificando assim as aulas e ao mesmo tempo, procurando ir ao encontro da modalidade a abordar.

Na parte fundamental da aula procurei dar mais tempo de lecionação para proporcionar aos alunos maior tempo de prática, para que pudessem exercitar convenientemente os principais gestos técnicos das modalidades abordadas. Foram utilizadas as progressões pedagógicas planeadas já na unidade didática, a fim de promover uma aprendizagem equilibrada partindo geralmente de um exercício/movimento simples para um complexo. Nesta fase da aula, também foram utilizadas as estratégias para melhoria da aprendizagem do aluno, através da identificação das dificuldades em aulas anteriores ou no próprio momento de aula, estes alunos por vezes eram acompanhados por outros já mais avançados na aprendizagem, ou eram acompanhados pela professora, a fim de fornecer o feedback e completar os seus ciclos mais eficazmente.

No fim desta parte da aula, em todas as modalidades desportivas coletivas, tive a preocupação de colocar os alunos em situação de jogo, reduzido ou formal, como aconteceu no voleibol e no badminton, proporcionando, por vezes, aos alunos situações de competição, aumentando assim a sua motivação e um ótimo clima final de aula, com estes a demonstrarem todo o seu potencial e empenho na tarefa.

Na parte final da aula, por vezes, tive a preocupação de fazer o retorno à calma, com a realização de alguns exercícios de alongamentos, como no caso da lecionação do módulo de ginástica. Outras vezes também fiz relaxamento com bolas de ténis e apenas com as mãos. Com o decorrer das aulas e estando mais à vontade, fui procurando um diálogo com os alunos acerca dos objetivos pretendidos, alcançados ou não para a aula em questão, realizando com os mesmos um balanço das suas prestações. Também recorri ao questionamento para rever os conteúdos abordados na aula e nas anteriores, por vezes questionava alguns alunos pois estes pareciam mais desconcentrados e distraídos durante a mesma.

Esta parte final das aulas foi importante pois por vezes consegui que estes me transmitissem as suas dificuldades, o que tornou o meu trabalho mais facilitado.

1.4. Decisões Tomadas na Avaliação Diagnóstica, Formativa e Sumativa

Relativamente à Avaliação, esta foi realizada ao longo do ano, pois a lecionação da EF foi agrupada por módulos, sendo que, no início dos mesmos foi realizada uma avaliação diagnóstica, sendo essencial pois permitiu verificar as

aprendizagens que os alunos tinham adquirido em anos anteriores, e agrupar os alunos de acordo com as competências demonstradas. Permitiu-me adquirir aprendizagens na formação de grupos de níveis.

Na avaliação formativa, com base nos instrumentos que foram construídos consoante os objetivos a atingir, esta foi desenvolvida de forma contínua e pontual, permitindo alterar a planificação dos conteúdos, exercícios e progressões que foram definidos na unidade didática, adaptando-os às necessidades dos alunos. Apenas no módulo de dança, utilizei um método diferente de recolha de informações acerca da prestação dos alunos, que foi a utilização das filmagens das aulas. Esta decisão foi tomada pois tornava-se difícil retirar qualquer informação das aprendizagens dos alunos durante as aulas porque em todas tive de participar. Como já referi anteriormente, o facto de participar na aula juntamente com os alunos aumentava a sua motivação e o seu empenho, podendo fornecer feedback prescritivo aos alunos que tinham alguma dificuldade e corrigi-los mais facilmente através de FB quinestésico, revelando-se uma aprendizagem conseguida.

Por fim, a avaliação sumativa, pretendia avaliar o progresso realizado pelos alunos ao longo das aulas. Desta constou também testes de avaliação de conhecimentos realizados sempre na última aula do módulo em questão. Em alguns módulos foram entregues aos alunos documentos de apoio sobre as modalidades em que estes revelavam menos conhecimento, alguns foram fornecidos pelo professor orientador da ESDD e adaptados depois por mim.

Através dos resultados obtidos, verifiquei se os objetivos propostos para as modalidades tinham sido ou não alcançados, pude também verificar se a forma como coordeno e encaminho o ensino é a mais adequada e promova o sucesso dos alunos no PEA.

Como já referi anteriormente, esta caracterizou-se pela realização de tarefas com características semelhantes às desenvolvidas no decurso das UD. Foram dados a conhecer aos alunos os critérios e a forma como estes podiam ser alcançados, bem como os resultados obtidos. Também foi utilizada a heteroavaliação, reforçando o estilo de ensino recíproco de Mosston e Ashworth (1994). No final de cada módulo, foram entregues as fichas de autoavaliação aos alunos com a intenção de perceber se estes tinham consciência do trabalho produzido.

Para todas as modalidades foi realizado o registo (em Excel) e posterior análise dos dados recolhidos, sendo possível personalizá-lo ao nível dos conteúdos a avaliar, bem como das ponderações no Domínio Psicomotor, Domínio Cognitivo e Domínio Sócio afetivo. Para obter dados dos indicadores assiduidade, pontualidade e material necessário para a aula, inseri também em Excel os registos diários que me permitiram em função do número de aulas da UD, calcular uma classificação.

De uma forma geral e tendo em conta o assimilado nas UC de Avaliação Pedagógica em Educação Física e Didática da Educação Física e do Desporto Escolar, produzi os instrumentos de avaliação de acordo com o planeamento e a realização. Na sua concepção tive presente a necessidade de dar resposta às funções da avaliação definidas por Cardinet (1986), de forma a selecionar (diagnosticar e prognosticar) e a regular o PEA, para motivar e incentivar os alunos e para certificar.

Na sua realização, pretendi que possibilitasse ao aluno formar uma imagem consistente das suas capacidades. Quando se afigurou necessário, o instrumento de avaliação respondeu às ações de diferenciação pedagógica realizadas como sucedeu por exemplo, na modalidade de voleibol.

As estratégias adotadas permitiram observar e registar as aprendizagens dos alunos, construindo assim um conhecimento objetivo sobre o avaliado.

2. Aprendizagens Realizadas

Segue neste relatório, o momento de anunciar algumas aprendizagens realizadas, as quais evidentemente possibilitaram a melhoria das aprendizagens dos alunos, fruto de uma ação reflexiva, construtiva e crítica efetuada por mim, enquanto professora da turma, pelos colegas de estágio e pelos orientadores.

As aprendizagens não se resumem apenas aos conhecimentos adquiridos pelo contato real com a turma e interação dos alunos com as diferentes modalidades, pois associado a elas está também o fruto do nosso trabalho em outras duas unidades curriculares, levadas a cabo durante o EP em Projetos e Parcerias Educativas e Organização e Gestão Escolar, como já referi anteriormente neste relatório.

Também tenho de realçar o trabalho desenvolvido pelo núcleo no âmbito da Expressão Corporal, que foi mais uma experiência enriquecedora que nos abriu

muitos horizontes sendo uma área muito explorada por nós, daí ter resultado/sucedido o nosso Projeto ANIMA-TE e as nossas atividades desenvolvidas na escola com a turma de Animação (3ºANIM).

2.1. Planeamento

Relativamente ao planeamento, utilizei alguns exercícios, estratégias e metodologias na planificação das minhas UD e aulas, após a análise reflexiva da observação das aulas dos colegas estagiários bem como dos professores da escola, mobilizando saberes adquiridos nas unidades curriculares do MEEFEBS. Estive muito receptiva às sugestões do orientador da escola, usei eficazmente os recursos materiais existentes, alertando para a utilização correta do mesmo e quando foi necessário realizei ajustes pertinentes ao nível das aulas e das UD. Aprendi de facto que a construção do plano anual é uma base que nos ajuda depois na planificação seguinte.

Planeamento é “um processo de tomada de decisões, através de uma análise da situação e seleção de estratégias e meios, que visa a racionalização das atividades do professor e dos alunos, na situação de ensino-aprendizagem, possibilitando melhores resultados e em consequência uma maior produtividade.” (Gomes, 2004).

Piéron (1996) alega que as aprendizagens dos alunos derivam da interação dos efeitos das dimensões de intervenção pedagógica instrução, gestão, disciplina e clima.

Relativamente à dimensão instrução, considero que melhorei a qualidade e pertinência da mesma através da utilização de meios auxiliares de ensino e da demonstração. Procurei minimizar o tempo utilizado na instrução, garantindo no entanto a sua qualidade e pertinência, empreguei com frequência o questionamento, promovendo a aprendizagem, selecionei e utilizei modelos adequados, face ao conhecimento aprofundado dos alunos e das suas características, aperfeiçoei a capacidade de observar e analisar pedagogicamente os alunos, identificando “pontos críticos” e valorizando os seus progressos, melhorando assim a qualidade e pertinência do FB, diversificando-o. Utilizei os alunos que não realizavam as aulas, no controlo da turma através do fornecimento de FB aos colegas, impliquei a

utilização dos alunos como agentes de ensino responsabilizando-os, centrando-os no PEA. Sendo estas as minhas aprendizagens.

No que diz respeito à gestão pedagógica, criei eficazmente rotinas nas várias partes da aula, aproveitando esse facto para potenciar o tempo de empenhamento motor, diminuindo os episódios de gestão e os tempos de transição, procurei diversificar a constituição dos grupos, respondendo à diferenciação pedagógica, à necessidade de adequar as progressões pedagógicas, em função dos grupos de nível criados, e sempre que foi oportuno responsabilizei os alunos em diferentes funções na aula, como por exemplo, a avaliar os colegas (heteroavaliação), sendo estas as minhas principais atividades.

Siedentop (1983, citado por Oliveira, 2006) “define que a gestão eficaz de uma aula consiste num comportamento do Professor que produza elevados índices de envolvimento dos alunos nas atividades da aula, um número reduzido de comportamentos dos alunos que interferiam com o trabalho do professor ou de outros alunos, e um uso eficaz do tempo de aula”.

Por fim, na dimensão da avaliação, aprendi a criar e aplicar um sistema de avaliação das unidades didáticas mas percebi na prática que este sistema pode ser melhorado. Utilizei e refleti sobre os resultados da avaliação para tomar decisões e atribuir as classificações e, por vezes, pude envolver os alunos no processo avaliativo conseguindo verificar se estes retiravam as mesmas conclusões que eu. Pude concluir que estes conseguem aperceber-se dos alunos que têm mais e menos capacidades, através da aplicação das fichas de heteroavaliação (anexo nº 1) e dos relatórios que me foram entregues quando estes não realizavam a aula.

3. Compromissos com as aprendizagens dos alunos

A EF é uma disciplina importante na formação multilateral e harmoniosa do aluno. Considerando o aluno no centro do PEA, e tendo como base o planeamento, a realização e a avaliação, promovi e desenvolvi competências significativas baseando-me na premissa de colocar o aluno como promotor das aprendizagens através de uma permanente corresponsabilização, do conhecimento dos seus níveis de capacidades, dos seus avanços, das suas necessidades e das suas dúvidas.

Tenho consciência que me esforcei por ser uma professora preocupada com o desenvolvimento e evolução dos alunos em todos os níveis, procurando sempre uma postura correta, objetiva e empenhada.

Durante este ano letivo não foi difícil perceber que a maior parte dos alunos assume um descompromisso, um desinteresse e uma falta de iniciativa perante a sua aprendizagem e os resultados decorrentes da mesma.

Constatei que existiram alunos que obtiveram um nível de desempenho motor elevado na avaliação, embora que o seu índice de empenho e desempenho ao longo das aulas fosse aquém do espetável. Em contrapartida existiram alunos que ao longo das aulas mostraram empenho mas que nos momentos de avaliação o seu desempenho não refletiu o trabalho desenvolvido.

Em suma, verifica-se que ainda há imenso trabalho que pode e deve ser feito neste campo, dotando os alunos de um conhecimento que lhes permite por si só perceber qual o compromisso que devem estabelecer com o ensino e quais as suas aspirações para com o mesmo.

“O resultado final de uma aprendizagem escolar depende, em grande parte, da forma como o professor conduz o ensino” (Medley, 1979).

4. Dificuldades Sentidas e Formas de Resolução

Pelo facto de nunca ter tido experiência de lecionação com esta faixa etária, a minha primeira impressão foi de receio e incerteza relativamente ao que iria encontrar. Ainda me recordo da minha primeira aula, do nervosismo e da ansiedade que “transportava”, procurando sempre estar à altura das expectativas que fui criando. O conhecimento da caracterização do meio envolvente e da turma ajudou-me a ultrapassar a insegurança inicial, enquadrando-me no meio escolar em que estava envolvida e ficando a perceber quais os pontos em que deveria iniciar a minha intervenção pedagógica e profissional.

A intervenção pedagógica foi um ponto interessante na minha formação enquanto professora, pois representou um desafio enorme no início do estágio, sendo importante a cuidada reflexão de todas as aulas, com o máximo sentido crítico e eficiência na deteção de erros/lacunas durante o processo de aula procurando sempre melhorar em cada uma das técnicas de intervenção pedagógica.

5. Dificuldades a Resolver no Futuro e na Formação Contínua

O meu percurso não termina no final deste ano de estágio, prevendo um futuro como docente de EF em escolas com características próprias, logo tenho de tomar consciência que este ano apenas me proporcionou experiências educativas um pouco restritas e condicionadas por todos os fatores que envolvem a realidade escolar.

O facto de ter lecionado a duas turmas, uma em Educação Física e a outra em Expressão Corporal, possibilitou-me contactar com diferentes tipos de personalidades em diferentes cenários, ou seja, futuramente, terei uma maior capacidade em me adaptar, não só aos programas de EF como também aos graus de ensino. Poderei ter algumas dificuldades numa primeira fase em adaptar as minhas estratégias e planos metodológicos às diferentes realidades encontradas, porém terei de recorrer a todas as minhas capacidades, valências e experiências educativas, para desempenhar as minhas funções enquanto professora de Educação Física.

É no meu entender muito importante, terminar cada sessão com a partilha de uma opinião válida e experiente do Orientador de Estágio e em todos os momentos do desempenho no decorrer do EP. O sentido de partilha constitui uma ferramenta essencial na construção do processo de reflexão sobre o trabalho desenvolvido.

Relativamente ao trabalho de assessoria que efetuei, ainda que importante no contexto do EP, permitiu-me adquirir conhecimentos no âmbito do trabalho do cargo de Diretor de Turma que ainda terei de desenvolver e aprofundar um pouco, pois futuramente poderei ser selecionada para o executar.

Como já referi também senti algumas dificuldades em lidar com certos problemas pessoais de alguns alunos pois estes viam em mim alguém em quem poderiam confiar e colocar todas as questões que os perturbavam. Em alguns alunos consegui ouvir, dar conselhos e ver resultados, mas a outros foi muito difícil manifestar-me perante tal situação constrangedora para mim e para o aluno. Tentei sempre ser correta nas minhas atitudes e palavras, evitando assim qualquer tipo de reação dos mesmos. Penso ser bastante importante para um professor ter formação nesta área do lidar com diferentes sentimentos, reações e atitudes dos alunos.

Por fim, considero ser pertinente realizar formação no âmbito científico e da intervenção pedagógica específica da disciplina de Educação Física,

nomeadamente, nas matérias de Ginástica Acrobática, Badminton, Futsal e Dança. Assim como também, na intervenção pedagógica específica relacionada com Alunos com Necessidades Educativas Especiais no âmbito das relações interpessoais, do saber ser e saber estar.

6. Inovação nas Práticas Pedagógicas

Partilhando da opinião de Cardoso (1992), a inovação nas práticas pedagógicas é entendida como algo de novo, uma mudança intencional e bem evidente resultante de um esforço assumido e consciente, assente numa ação persistente com o intuito de melhorar a prática educativa.

Ao longo das atividades letivas procurei sempre criar aulas diferentes e atraentes, para manter os meus alunos motivados, sem nunca perder de vista os objetivos propostos para a aula.

No que respeita ao PEA destaco a minha criatividade nas decisões de ajustamento ao plano de aula, procurei criar exercícios novos com algum grau de dificuldade e que por vezes eram transversais às outras modalidades e até mesmo disciplinas, sem que estes perdessem validade e credibilidade.

Foi exemplo disso, o recurso a ferramentas e competências do âmbito das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), utilizadas na divulgação do documento de apoio aos alunos com vista à sistematização teórica de conhecimentos, utilizada na preparação dos momentos de avaliação de conhecimentos teóricos para cada UD, com reforço do suporte também disponibilizado em papel. Também o recurso a vídeos elaborados nas aulas ou elaborados pela professora para dinamizar o ensino e para ser mais fácil a sua interiorização através do visionamento do mesmo.

7. Capacidade de Iniciativa e Responsabilidade

Penso ter assumido com sentido de responsabilidade, todas as tarefas que me foram incumbidas.

O estágio teve um papel fulcral para a minha formação, através de uma experiência real, adquirindo ferramentas de uso diário, para pôr em prática na minha carreira docente aprendendo através da prática o que realmente é importante numa aula de EF, passando pela elaboração de um consciente planeamento das aulas,

assim como de um correto desempenho como docente e de uma correta avaliação dos alunos.

O meu envolvimento com os alunos foi excelente, assumindo com eles uma postura correta, com valores bem definidos. Nesta linha, dei sempre o melhor exemplo ao ser assídua e pontual, tentando desta forma não mostrar fragilidades que pudessem comprometer o meu desempenho enquanto professora da turma. Até mesmo nas aulas procurei contornar os imprevistos ocorridos de forma criativa, sem perder de vista os seus objetivos.

8. Importância do Trabalho Individual e do Grupo

Ao longo do estágio, exigi a mim própria responsabilidade, estabelecendo objetivos individuais, de forma a estruturar uma linha de investigação nas matérias e conteúdos em que não me sentia tão à vontade, tendo de procurar e investigar. Os planos de aulas elaborados e as suas respetivas reflexões fizeram com que eu evoluísse na adequação dos conteúdos às necessidades de aprendizagem dos alunos, cumprindo os objetivos previamente propostos. A reflexão desse plano avaliava o decurso da aula e o que deveria melhorar para a seguinte, pensando não só na minha melhoria mas também na evolução dos meus alunos.

“Os objetivos da aprendizagem deverão ter em conta o nível dos alunos, as suas diferenças individuais em termos de habilidades motoras, de qualidades motoras e de capacidade cognitiva”. (Piéron, 1996)

Relativamente ao trabalho de grupo, nos diversos grupos de trabalho que integrei durante o meu percurso académico (licenciatura), aprendi a trabalhar de diversas formas retirando as minhas próprias conclusões acerca daquelas que julgava ser mais adequadas. Durante o mesmo, revelei-me participativa e cooperante, visando sempre um ambiente de trabalho positivo e produtivo, tendo como único fim apenas o sucesso da atividade/resolução do problema, partilhando conhecimentos, experiências, vivências e opiniões.

Mas neste núcleo de estágio onde me inseri isto não se verificou. Penso que tudo teria sido mais fácil se tivesse existido logo no início do ano esse sentido de trabalho de grupo, tendo-nos apoiado uns aos outros na realização de documentos comuns. Parte da planificação do ensino, essencialmente aquela que era efetuada antes de iniciarmos as aulas das diferentes UD, o Plano Anual, principalmente a

caraterização do meio, a planificação, a definição de estratégias, entre outros, que de uma forma ou de outra poderiam ter sido elaborados em conjunto e depois adaptáveis a cada turma.

Considero ter sido correta com os meus companheiros de estágio, respeitando os seus valores e a sua individualidade, salientando a importância de um trabalho em equipa. Sempre que foi necessário e que se verificou elogiei o trabalho desenvolvido pelos mesmos, a fim de os motivar. Tenho pena que nesta parte as coisas não tenham corrido da melhor forma, mas não foi por isso que não desempenhámos todos um bom trabalho e que deixámos de realizar o que quer que fosse, devido às nossas diferenças, saliento que estas nunca transpareceram para a comunidade ou até mesmo para o orientador de estágio.

Apesar do trabalho individual persistente ao longo do decorrer do estágio pedagógico, nas atividades que desenvolvemos isso não transpareceu pois todos juntos nos empenhámos e conseguimos demonstrar um bom trabalho.

Em suma, trabalhar em grupo nem sempre foi fácil, contudo a partilha de ideias, de opiniões, é uma mais valia para enriquecer o nosso repertório e a nossa cultura.

9. Impacto do Estágio na Realidade do Contexto Escolar

Neste ponto referirei três dimensões com que me deparei ao longo deste ano letivo e que influenciaram a minha evolução.

A primeira está relacionada com os alunos da turma do 1ºRB sobre os quais a minha ação foi sistemática sendo o foco do meu trabalho e usufruindo diretamente da minha atuação.

A segunda no âmbito da UC de Organização e Gestão Escolar, na assessoria ao cargo de Diretor de Turma.

A terceira está relacionada com a unidade curricular de Projeto e Parcerias Educativas, nomeadamente com os diversos eventos que organizámos e realizámos no seu âmbito o “Flash mob” no dia das Atividades Formativas da Escola Secundária D.Duarte, a coreografia para o projeto “Coimbra a Brincar”, o projeto “Sensibilização ANIMA-TE” que consistiu em ir às instituições de estágio dos alunos do 3ºANIM e dinamizar uma manhã ou uma tarde. E o projeto “Tripela Contigo”, que consistiu em apresentar esta modalidade às turmas de Educação Física do ensino regular.

Pelo acima exposto posso afirmar que o impacto do estágio na realidade do contexto escolar foi muito significativo e positivo, sendo que tirei o maior partido da exercitação como docente para a minha aprendizagem. Este agrado também nos foi transmitido várias vezes por alguns intervenientes da escola, sendo eu esta beneficiou com a realização do EP.

Concluindo, posso afirmar que as relações que estabeleci com toda a comunidade escolar foram verdadeiramente importantes para a minha fácil inclusão, permitindo-me abordar todas as atividades profissionais, bem como a realização das mesmas com mais confiança.

10. Prática Pedagógica Supervisionada

O EP teve um papel preponderante na superação de dificuldades e no aperfeiçoamento da ação pedagógica e descoberta do que é ser professora. Refletindo sobre a prática pedagógica, acompanhando e vigiando as atitudes e métodos a utilizar no processo ensino-aprendizagem, através do confronto entre o realizado e o ideal.

Especificamente, o professor Fernando Costa acompanhou observou e orientou toda a minha atividade desenvolvida durante o EP na Escola. Este agente de ensino ajudou-me a modificar erros e maneiras de pensar, através da interpretação, estando sempre disponível e atento às minhas necessidades. Foi extremamente importante a sua atitude calma, de experiência e sabedoria na minha evolução, visto que ensinou o que sabia e aquilo que é o seu agir enquanto humano, permitindo-me descobrir as formas de ensino individuais e orientando-me em todas as minhas decisões. Assim, considero que desenvolvi e aperfeiçoei capacidades para a prática pedagógica e descobri um estilo pessoal de ensino, sendo importante realçar a autonomia que o orientador proporcionou nas diversas tarefas, o diálogo e a “discussão” realizadas no ceio do NE.

Relativamente ao Orientador da Faculdade, Mestre Paulo Nobre, como já tinha referido anteriormente, este não esteve tão presente pessoalmente, mas acompanhou o decorrer da prática, através da observação de algumas aulas e critica às mesmas, realizando um balanço do desenvolvido e sugerindo possíveis alterações ou ajustamentos, tornando a avaliação a mais formativa possível, estando sempre disponível para nos orientar e esclarecer qualquer dúvida relativa ao estágio.

Assim, a supervisão da prática pedagógica fez todo o sentido visto ser impraticável realizar aprendizagens ao nível do realizado sem acompanhamento científico e pedagógico.

11. Questões Dilemáticas

No decorrer do ano de EP surgiram questões dilemáticas relativas aos conteúdos programáticos, componentes críticas e sua lecionação.

Apesar de ter tido sempre em ponderação os objetivos definidos pelo Programa Nacional de Educação Física considero que este é ambicioso em determinadas modalidades partindo do pressuposto que os alunos tenham adquirido as competências solicitadas em anos anteriores. Assim, cumpri o que estava estipulado no Programa Curricular de Escola, abrangendo as modalidades e competências solicitadas pelo Programa Nacional de Educação Física, sabendo que cada aluno é individual e que o PEA difere entre professores e escola.

Na formação dos grupos de nível surgiram algumas dúvidas: quantos grupos deveriam ser formados, o que fazer com alunos isolados em níveis distintos dos outros ou em grupos de pequena dimensão e por fim como poderia utilizar o estilo de ensino recíproco com a turma em grupos de nível.

Consoante a evolução dos alunos ao longo das aulas, fiz questão de alterar o/a aluna/a de nível, sendo que por vezes solicitei aos alunos com melhor prestação na realização dos exercícios e componentes críticas que ajudassem e integrassem o grupo com maiores dificuldades, atribuindo papéis de professor-aluno em aula.

Verifiquei que se der tempo de prática aos alunos permite colmatar as suas dificuldades, mas por outro lado, pode levar à desmotivação e desinteresse dos alunos, caso estejam a revelar insucesso na tarefa.

Nos diversos momentos de avaliação houve algumas dúvidas sobre a aplicação dos instrumentos construídos. Diz-nos Rosado (2002), que “a diversidade de instrumentos numa avaliação referida ao critério e à progressão do aluno é aconselhada, como forma de garantir aspetos como a transversalidade e a redução da subjetividade, o trabalho de equipa de professores na definição de instrumentos de avaliação”. Assim, adaptei a estrutura e a organização das aulas, não referenciando o seu relevo para avaliação, observando a evolução dos alunos. Depois fui estabelecendo comparação entre a avaliação diagnóstica e as

aprendizagens conseguidas pelos alunos na avaliação formativa, chegando depois a uma classificação através da avaliação sumativa, tendo por base as outras duas avaliações já referidas.

12. Experiência Pessoal e Profissional

Fazendo uma retrospectiva posso afirmar com toda a certeza que se tratou de um ano positivo e decisivo na minha evolução como pessoa e enquanto profissional. Proporcionou-me um progresso ao nível pedagógico e cognitivo, alargando os meus conhecimentos relativamente a questões organizacionais e funcionais do sistema escolar.

Através da comparação da generalidade da turma do início do ano para o final do mesmo posso afirmar que houve uma evolução substancial em todos os domínios, mesmo a nível psicológico pude ver diferentes tipos de alunos com um pensamento mais maduro.

Existiu um momento onde me senti muito querida e certa de que o meu contributo era importante, foi quando em conversa informal alguns professores me propuseram dar aulas de perca de peso, estes iniciaram as primeiras aulas comigo e depois começaram a trazer alguns alunos que sentiam mais necessidade em perder algum peso. Depois por várias razões, essas aulas tiveram que ser adiadas e os próprios alunos passavam por mim e perguntavam-se sempre quando é que iríamos retomar, foi uma experiência incrível e tenho pena de não ter continuado com ela, mas entretanto iniciaram as atividades, a vida pessoal, profissional e não dava para equilibrar.

A título de sistematização, importa reforçar a ideia de que apesar dos inúmeros conhecimentos aprendidos durante o ano de estágio, considero que a nossa formação não cessa com o término deste período, antevendo uma futura e incessante integração de aprendizagens ao longo do exercício da profissão.

CAPÍTULO V- TEMA/PROBLEMA

1. Introdução e Justificação do Tema

Este Tema Problema sobre a Avaliação Formativa surge no âmbito do Estágio Pedagógico do Mestrado em Ensino da Educação Física, da Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física da Universidade de Coimbra (FCDEF).

Este foi produzido com base nos dados recolhidos sobre a Avaliação na Entidade de Estágio, a Escola Secundária D.Duarte em Coimbra, mais propriamente na turma do 1º ano do Curso Profissional de Técnico de Restauração Restaurante/Bar.

Segundo Pinto (2002), “A avaliação não é algo de uma dimensão única, tanto na sua conceptualização e práticas, como nos seus usos sociais e os valores que veicula”. Ou seja, a avaliação está em constante mudança, é necessário adaptar-se consoante a situação em que vai ser aplicada e consoante o nosso objetivo e esta tem de ser mobilizada para o desenvolvimento do ensino.

Assim, como refere Mateo (2000) “A avaliação é antes de mais uma forma específica de abordar, de conhecer e de se relacionar com uma dada realidade educativa”.

O papel do professor estagiário envolve a capacidade de avaliar as aprendizagens dos alunos na sua dimensão diagnóstica, formativa e sumativa, no sentido de construir e selecionar corretamente os processos, as técnicas e os instrumentos de avaliação, elaborando-os com base no respeito pelos critérios de rigor, utilidade, fiabilidade e validade.

Na avaliação inicial dos desempenhos, com carácter de diagnóstico, é necessário verificar a diferenciação de níveis de prática e de necessidades específicas da turma, no sentido de orientar as decisões de planeamento. Na avaliação formativa, através da seleção de técnicas e instrumentos adequados e utilizando a informação já recolhida anteriormente, é revista e reajustada a planificação do processo ensino-aprendizagem e são definidas as estratégias de diferenciação e de ajustamento do ensino aos alunos. Após a passagem por todos estes processos, é essencial efetuar uma avaliação sumativa das aprendizagens dos alunos, que permite avançar para um processo de classificação. Na minha opinião, esta classificação deve ser esclarecida e discutida com os alunos, ajudando a que estes consigam desenvolver o sentido crítico, argumentativo e que saibam ouvir os outros, refletir e agir, numa ótica/perspetiva potenciadora que permita ajudar os alunos a compreender as aprendizagens realizadas.

2. Pertinência do Estudo

A partir da análise desta área de investigação procurei decidir qual o melhor tema a adoptar para o prosseguimento do estudo. Assim, e após várias considerações, adotei como tema principal deste trabalho a Avaliação Formativa-Percepção do trabalho dos Professores de Educação Física com diferentes anos de experiência profissional.

Com este tema pretendo debruçar-me sobre os instrumentos utilizados nas aulas de Educação Física, mais propriamente, para avaliar a Unidade Didáctica de Badminton, recolhendo informações acerca da Avaliação Formativa.

Assim, pretendo não a construção de uma simples grelha de observação, quer pelos profissionais da Educação Física quer pelos estagiários desta disciplina, mas verificar a construção de uma grelha, como a sua eficácia e aplicabilidade nas aulas.

Como forma de apurar informação acerca da avaliação formativa e da sua aplicação, será aplicado um questionário a fim de averiguar as opiniões dos profissionais da Educação Física e dos professores estagiários.

O estudo passa pela comparação do trabalho desenvolvido por mim na UD de Badminton, mais propriamente na realização da AF, com o trabalho que os professores realizam nas suas aulas com as suas turmas e também com o trabalho dos meus colegas estagiários.

O tema da avaliação está, atualmente a ser cada vez mais falado, no entanto, deve ter-se em conta perguntas essenciais, tais como: A quem avaliar? O que avaliar? Como avaliar? Porquê avaliar? Com que resultados? São perguntas complexas, mas que se devem colocar quando se fala do sistema educativo.

Em relação à apresentação deste estudo, este estará dividido em Enquadramento Teórico do estudo, ou seja, serão apresentadas diversas opiniões de autores. Será apresentada a Metodologia que foi utilizada ao longo do estudo, bem como os métodos de investigação e as técnicas utilizadas ao longo deste. De seguida, dar-se-á lugar à Análise de Resultados, isto é, após recolhermos todo o material considerado necessário para a concretização deste estudo, este será analisado e tratado ao longo desse capítulo. Finalmente, e no que diz respeito aos capítulos dominantes deste trabalho, estarão as conclusões finais a retirar de todo o estudo e o processo percorrido.

3. Objetivos do Estudo

Após aplicar o instrumento para avaliar a AF dos alunos no módulo de Badmínton, em contexto de aula pretendo refletir sobre as dificuldades que senti e verificar através da análise dos questionários aplicados a opinião dos professores. Por isso, pretendo averiguar se o trabalho desenvolvido pelos professores com mais anos de experiência é diferente do trabalho desenvolvido pelos professores estagiários. Será que existem diferenças na aplicação da avaliação formativa por parte dos professores?

Desta forma, os objetivos de investigação do meu estudo são: conhecer as práticas de utilização dos instrumentos de avaliação, identificar diferenças nas práticas consoante o tempo de serviço dos professores, determinar se existem diferenças no uso que dão aos resultados da AF consoante o tempo de serviço, e determinar se existem diferenças no modo de aplicação dos instrumentos.

Nem todos os professores adoptam decisões semelhantes, os mais especializados incidem em decisões a longo prazo, completas e centradas em conteúdos, ao contrário dos inexperientes que incidem mais em decisões imediatas, simples e relativas a questões de disciplina na aula (Rosales, 1990).

Deste modo demonstra-se a importância da realização deste estudo, pois vai permitir averiguar as diferentes “crenças” dos professores com diferentes anos de experiência.

4. Quadro Teórico ou Estado da Arte

4.1. Avaliação

A avaliação é um processo muito importante para o sucesso do sistema educativo. Sendo mais que uma classificação, a avaliação é segundo Cronbach (1963) e Stufflebeam (1977), citado por Januário (1988), “o processo de conceber, obter e fornecer elementos e informações úteis para a tomada de decisões educacionais, com o fim de melhorar a sua eficácia”. É o domínio do conjunto das capacidades e competências, que se encontram especificadas nos objetivos (gerais

e comportamentais) que representam o sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

De acordo com a finalidade da avaliação são considerados três tipos de avaliação: uma preparação inicial para a aprendizagem, uma verificação da existência de dificuldades por parte do aluno durante a aprendizagem e o controle sobre os alunos verificando se estes atingiram os objetivos fixados previamente. Neste tema problema, pretendemos identificar exatamente essa segunda finalidade da avaliação, ou seja, identificar as dificuldades dos alunos para poder prescrever a fim de regular o PEA.

Segundo Silva (2006: 25) “A educação não poderá deixar o aluno simplesmente entregue às suas circunstâncias mas orientá-lo com racionalidade.”

4.2. Tipos e Funções da Avaliação

De acordo com o regulamentado no Decreto Lei n.º 139/2012 de 5 de julho, a “avaliação constitui um processo regulador do ensino, orientador do percurso escolar e certificador dos conhecimentos adquiridos e capacidades desenvolvidas pelo aluno. Tem por objetivo a melhoria do ensino através da verificação dos conhecimentos adquiridos e das capacidades desenvolvidas nos alunos e da aferição do grau de cumprimento das metas curriculares globalmente fixadas para melhorar o ensino e suprir as dificuldades de aprendizagem. A avaliação tem ainda por objetivo conhecer o estado do ensino, retificar procedimentos e reajustar o ensino das diversas disciplinas aos objetivos curriculares fixados”.

A avaliação da aprendizagem de acordo com a legislação referida, compreende as modalidades de avaliação diagnóstica, de avaliação formativa e de avaliação sumativa.

A avaliação diagnóstica realiza -se no início de cada ano de escolaridade ou sempre que seja considerado oportuno, visa o reajustamento de estratégias de diferenciação pedagógica, de superação de eventuais dificuldades dos alunos e de facilitação da sua integração escolar.

A avaliação formativa assume um carácter contínuo e sistemático, recorre a uma variedade de instrumentos de recolha de informação, determina a adoção de medidas pedagógicas adequadas às características dos alunos e à aprendizagem.

A avaliação sumativa conduz à tomada de decisão, no âmbito de uma classificação.

Estas modalidades da avaliação estão associadas respetivamente aos principais objetivos da avaliação a que Hadgi (1994) se refere: Orientar, Certificar e Regular. Assim, quando o objetivo é:

- Orientar, a avaliação assume uma função de diagnóstico, debruçando-se, no caso da avaliação das aprendizagens, “sobre as aptidões, os interesses e as capacidades e competências consideradas como pré-requisitos para as futuras aquisições”;

- Certificar, a avaliação é sumativa e serve para fazer “um ponto de situação sobre os conhecimentos adquiridos, centrando-se em comportamentos globais socialmente significativos”;

- Regular, a avaliação assume uma função formativa, procurando servir de guia constante para o processo de aprendizagem, integrando-se no próprio processo de ensino. Num programa, a avaliação formativa permite regular o seu processo de desenvolvimento, informando as ações de reajustamento ou de reorientação, com o objetivo de melhorar o programa em função da sua própria evolução e das alterações relevantes do seu contexto de ação.

Pacheco (1995) sustenta que a avaliação assume, implícita ou explicitamente, várias funções:

- Pedagógica, pois define os procedimentos a ter em consideração na avaliação dos alunos, levando-os ou não à progressão;

- Social, porque proporciona uma certa formação e certificação que permite ao aluno hierarquizar-se socialmente;

- Controlo, pois ajuda o professor a definir atitudes e comportamentos no espaço escolar, de forma a ter um ambiente saudável de trabalho;

- Crítica, os resultados obtidos poderão assumir uma forma de autoavaliação do sistema educativo, melhorando o seu funcionamento.

Resumindo, a função pedagógica da avaliação é vista como um elemento fundamental de todo o processo, onde o aluno assume um papel ativo.

Visto que o tema principal do meu trabalho é a avaliação formativa, após esta primeira fase de caracterização passo então para a segunda fase, que se centra exatamente neste tipo de avaliação.

4.3. A Avaliação Formativa e a Autoavaliação

A avaliação formativa define-se então como um processo de regulação da aprendizagem em que são mantidas ou mudadas as estratégias de ensino para que o aluno evolua e atinja os objetivos propostos, cabendo ao professor orientar o aluno para que este alcance o sucesso pedagógico.

Cortesão (1993) denomina a avaliação formativa como uma bússola orientadora do PEA, pois através dos dados obtidos e das conclusões alcançadas e posteriormente com a sua aplicação, vai permitir aos professores e aos alunos identificar as falhas na aprendizagem, assim como os aspetos que devem ser melhorados. Tem um carácter qualitativo, devendo ser expressa através de descrições. Os instrumentos utilizados nesta perspetiva podem e devem ser alterados após a sua aplicação nas aulas, devendo ser o mais direto possível.

Esta modalidade de avaliação permite: “quer a adequação do tratamento didático à natureza das dificuldades encontradas no momento do diagnóstico, quer a obtenção de uma dupla retroação: sobre o aluno para lhe indicar as etapas que ele venceu e as etapas que deve superar, e sobre o professor para lhe indicar como é que o seu programa pedagógico se desenvolve e quais os obstáculos que enfrenta.” (Alves, 2004: 61).

Assim, o papel do professor será o de proporcionar situações de avaliação em que ocorram diversas interações alunos e professores, alunos e alunos e alunos e o material didático. Neste sentido, torna-se necessário que o professor recorra a várias estratégias de análise e registo do que se está a passar na aula, de forma organizada e estruturada, adoptando os instrumentos estruturados “que possibilitem a formulação de um juízo de valor” (Alves & Flores, 1996: 147).

Acima de tudo é muito importante que o professor esteja motivado para realizar um bom trabalho, sendo também fundamental que os alunos estejam interessados nas aprendizagens que lhes são propostas. A tarefa mais difícil para o professor é manter nas suas aulas os alunos motivados, pois hoje em dia, os alunos

não se interessam por nada, parece que estão presentes na aula apenas para terem uma nota positiva.

Num contexto de diferenciação, onde os ritmos de aprendizagem serão respeitados, o professor tem de acompanhar os alunos na deteção das dificuldades e na elaboração de estratégias para as ultrapassar, ou seja, realizará uma avaliação formativa, contínua e sistemática para obter o feedback necessário para a evolução de todo o processo de aprendizagem.

“Avaliar passa a ser uma tarefa de negociação, através da qual se torna possível o reajuste das concepções e das práticas de professores e alunos, devendo-se recorrer a outros instrumentos de avaliação para além dos testes, nomeadamente questionários e grelhas de autorregulação.” (Vieira & Moreira, 1993).

O professor deve ser capaz de questionar as suas práticas e analisar os resultados obtidos, tendo a capacidade de envolver o aluno na sua aprendizagem, transformando-o num colaborador em todo o processo, favorecendo assim o desenvolvimento da sua autonomia. Este deve questionar e refletir sobre o seu trabalho, com o objetivo de encontrar soluções para os problemas com que se depara no decorrer da sua lecionação.

Abrecht (1994) considera as práticas formativas de avaliação muito úteis para o aluno, pois dão sentido à sua aprendizagem e alertam-no para as eventuais falhas no percurso, exercendo uma função corretiva.

No ensino da Educação Física torna-se necessário que o aluno assuma uma postura reflexiva face às aprendizagens, controlando os seus desempenhos e utilizando recursos/adaptações de superação de dificuldades, onde a autoavaliação ganha particular relevância, uma vez que auxilia o aluno a monitorizar as suas competências de comunicação e de aprendizagem.

Segundo Alves (2004), para o aluno desenvolver a capacidade de se autoavaliar é importante que ele seja capaz de:

- Identificar, simultaneamente, as suas falhas e as respostas adequadas;
- Elaborar estratégias que conduzam ao sucesso na aprendizagem (ações eficazes);
- Manipular os critérios de avaliação nas diferentes etapas da mesma.

Neste contexto, é necessário que os critérios de avaliação estejam bem definidos, existindo um suporte que oriente as aprendizagens e o desenvolvimento

de práticas de autocorreção e de autoavaliação, permitindo que o aluno alcance o sucesso.

Como referem Vieira e Moreira (1993:37), a “autoavaliação realizada em colaboração com o professor e com os colegas, permite ao aluno determinar se está a progredir satisfatoriamente, diagnosticar problemas e identificar causas e formas de remediação”.

Em síntese, podemos destacar como principais funções da avaliação formativa: orientar, refletir, melhorar, consciencializar e sensibilizar em relação ao funcionamento do processo de aprendizagem. Logo, faz todo o sentido integrar práticas de autoavaliação no processo de avaliação, pois darão ao aluno uma autonomia na aprendizagem, responsabilizando-o pela condução do seu percurso.

5. Metodologias Utilizadas

Neste ponto vou descrever a metodologia utilizada para a construção do instrumento de AF para a turma do 1ºRB relativamente à modalidade de Badmínton. Também é referido o questionário que foi utilizado para recolher as opiniões dos outros professores.

Procurei ao longo de todo este processo garantir a máxima legitimidade ao estudo e, por este motivo, existiram diversos procedimentos, referidos adiante, que tiveram que ser levados em conta.

5.1. Tipo de Investigação

Estudo Caso com autoestudo

O objetivo principal da utilização o estudo de caso com autoestudo passou por identificar/caraterizar uma problemática existente no Estágio Pedagógico, para criar posteriormente um conjunto de estratégias que pudessem concorrer para a resolução desse mesmo problema.

O estudo de caso trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos. Assim, Yin (1994:13) define “estudo de caso” com base nas caraterísticas do fenómeno em estudo e com base num conjunto de caraterísticas associadas ao processo de recolha de dados e às estratégias de análise dos mesmos.

5.2. Produção do Sistema de Avaliação Formativa

O sistema de AF foi criado para ser aplicado nas aulas de EF mais propriamente na modalidade de Badminton.

Este foi elaborado por mim com o objetivo de identificar as dificuldades dos alunos e adaptar o meu ensino consoante as dificuldades encontradas, procurando melhorar o PEA.

Assim, elaborei uma grelha em Excel colocando como itens a avaliar, os gestos técnicos definidos inicialmente na UD a abordar, assim como as principais componentes críticas de cada um.

Esta grelha (Anexo 2) foi preenchida em contexto de aula, sendo que os grupos a observar foram pré definidos e o preenchimento deste instrumento de recolha de informação passava por colocar um “X” no item que era necessário melhorar e dar mais importância nas aulas seguintes. Este foi aplicado em três aulas devido à sua extensão e ao número de alunos em aula (23 alunos).

Como os grupos de alunos já estavam definidos, foi só pedir para estes se organizarem por estações e exercitarem o gesto técnico que lhes foi atribuído. Esta divisão dos alunos facilitou-me o trabalho, podendo analisar/observar vários gestos técnicos percorrendo as várias estações retirando as anotações necessárias. Após algum tempo de exercitação, os alunos realizavam uma rotação com os colegas indo para outra atividade.

As aulas foram planeadas de modo a que metade dos alunos se encontrasse a realizar a modalidade de Badminton e a outra metade estivesse a realizar um jogo de voleibol, sendo caracterizadas pelo seu dinamismo e pela abordagem de multimatérias.

5.3. Dificuldades Sentidas

Na construção do instrumento de AF foi revisto o instrumento que tinha sido utilizado para a recolha da avaliação diagnóstica. Este foi adaptado tentando que fosse mais pormenorizado e ficasse mais sintetizado.

Uma das dificuldades sentidas teve a ver com a seleção das componentes críticas mais importantes e como é que estas poderiam ser colocadas no instrumento de forma a facilitar o seu preenchimento.

Outra dificuldade sentida revelou-se no preenchimento do instrumento pois, apesar da minha preocupação se centrar na construção de um instrumento prático e eficaz isso não se verificou na sua empregabilidade, pois este era muito extenso e tornou-se complicado observar os alunos, controlá-los ao mesmo tempo e preencher o instrumento identificando os pontos em que estes devem melhorar.

Apesar das dificuldades sentidas, o objetivo principal que era identificar as dificuldades dos alunos foi atingido.

6. Reflexão

Sabendo que existe uma relação entre a avaliação e as aprendizagens dos alunos e que a aprendizagem está relacionada positivamente com a avaliação (Nobre, 2009), falta entender com que finalidade a AF é realizada.

Tendo em conta os indicadores para um modelo curricular da escola, podemos realizar um “transfer” da informação e também considerar a justificação e finalidade da avaliação dos alunos. Portanto, a avaliação é realizada porque se pretende efetuar um balanço da situação e reformular as atividades propostas, ou para ir ao encontro do objetivo de modificar comportamentos, regular as aprendizagens dos alunos e acima de tudo, melhorar e aprender.

Segundo Rosado, Colaço e Romero (2002), “o ensino dos gestos desportivos, é uma das preocupações fundamentais dos professores, impondo-se, em consequência, o desenvolvimento e a aplicação de instrumentos de avaliação que permitam medir as destrezas adquiridas”. A construção destes instrumentos de avaliação tem de estar relacionada com a planificação indo ao encontro dos objetivos definidos.

Os mesmos autores referem que existem sete qualidades que um instrumento de avaliação deve possuir, sendo elas, a validade, a fidelidade, a sensibilidade, a economia, a objetividade, a standardização e a aferição.

De acordo com estas qualidades que um instrumento de avaliação deve possuir, destaco a validade do conteúdo apresentado, garantindo que este avaliou de forma representativa e proporcional os objetivos do ensino, e os processos envolvidos. Apesar de na sua aplicação, a economia e a standardização não se ter verificado, sendo que os parâmetros a avaliar eram descritos de uma forma extensa e não eram fáceis de identificar, consumindo muito tempo de aula, muito esforço por

parte do professor e a partir de uma certa altura os critérios definidos na sua empregabilidade foram alterados.

Perante os objetivos acima mencionados, resolvi elaborar um questionário tentando perceber como é que os outros professores constroem os instrumentos de AF, se o utilizam, em que momentos o utilizam e com que objetivo o utilizam, esta reflexão será feita mais à frente na análise dos resultados obtidos.

7. Inquérito por Questionário

O questionário (anexo 3) foi elaborado por mim, com um carácter anónimo, pretendendo conhecer a “Perceção dos Professores de EF relativamente à AF, consoante a sua experiência profissional”, tentando perceber qual é a importância que os professores dão à realização da AF ao longo das suas aulas e como esta é recolhida. Estes foram entregues aos professores de EF da ESDD, de uma forma aleatória, em contexto escolar, tendo posteriormente feito a recolha dos mesmos pessoalmente.

Como forma de analisar melhor o questionário de AF, defini algumas categorias que me ajudaram a interpretar as questões colocadas a fim de facilitar também posteriormente a minha análise, sendo estas “com quê”, “para quê”, “quando”, “como” e “quem”. Estas foram a base de partida para toda a organização lógica do questionário elaborado para responder aos objetivos do estudo.

Tabela 1: Resumo de indicadores de análise dos questionários aplicados.

Categorias	Afirmações do questionário	Número de questões
Com quê?	- Instrumentos construídos: por mim, por outros; - Sem instrumentos construídos	1,2,3
Para quê?	- Regular aprendizagens; - Regular o ensino; - Classificar.	4, 5, 6, 7, 12, 13, 18
Quando?	- Antes da aula, durante a aula ou após a aula.	9, 10, 14, 15, 16, 17
Como?	- Planeamento: - Organiza as aulas para registar os dados	8, 11
Quem?	- Professor;	19, 20, 21

- Aluno;
- Professor - Aluno.

Utilizei uma escala tipo Likert, composta por um conjunto de vinte e três afirmações das quais se pede ao sujeito que está a ser avaliado para manifestar o seu grau de concordância desde o discordo totalmente até concordo totalmente.

No questionário, também foi colocado em evidência o tempo de serviço docente e para isso, utilizei um modelo de percurso profissional definido por (Gonçalves, 2000, citado por Estrela, 2010):

Tabela 2: Tabela representativa dos anos de experiência e os traços dominantes do professor.

Anos de Experiência	Etapas/Traços Dominantes
1 - 4	O início: entrada na carreira, descoberta.
5 - 7	Estabilidade
8 - 15	Diversificação
Mais de 15 anos	Serenidade: reflexão e satisfação pessoal.

8. Amostra do Questionário

8.1. Caraterização da Professora Estagiária

A professora estagiária que aplicou o instrumento de avaliação formativa tem o nome de Micaela Simões, tem 23 anos de idade e mora nos arredores da cidade de Coimbra. É licenciada em Desporto e Lazer, pela Escola Superior de Educação de Coimbra, neste ano letivo está a frequentar o Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, a lecionar na Escola Secundária D.Duarte.

8.2. Caraterização dos Professores Estagiários

O professor estagiário Filipe Oliveira tem 22 anos de idade e mora em Coimbra. É licenciado em Ciências do Desporto pela FCDEF- UC, atualmente é professor de natação e treinador de Polo Aquático no Clube Náutico Académico de Coimbra e frequenta o mestrado acima descrito.

A professora estagiária Tânia Alves tem 23 anos de idade e é licenciada em Ciências do Desporto pela FCDEF- UC. No presente ano é reabilitadora Desportiva na equipa de Basquetebol Feminina Sport Clube Conimbricense/FCDEF.

8.3. Caracterização dos Professores de Educação Física com mais anos de experiência

O grupo de EF da ESDD é constituído por 4 professores, 3 do sexo masculino e 1 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 40 e os 60 anos.

De acordo com o tempo de serviço destes professores, todos apresentam mais de 15 anos de experiência.

9. Apresentação dos Resultados

Após a recolha dos questionários e a passagem dos mesmos para uma tabela em Excel, foram elaborados os seguintes gráficos correspondentes aos três tipos de sujeitos envolvidos. Será também apresentada a respetiva análise de cada um.

Os gráficos que se seguem apresentam todos a mesma estrutura, sendo que a coluna vertical (exemplo: 0 - 1) representa a quantidade de respostas para cada afirmação, na horizontal (exemplo 1-23). As cores representam a escala de concordância para com essas afirmações.

9.1. Professora Estagiária (Eu)

Como elaborei o instrumento de avaliação para aplicar na minha turma, optei por integrar o estudo e preencher o questionário comparando posteriormente a minha opinião com a dos restantes sujeitos.

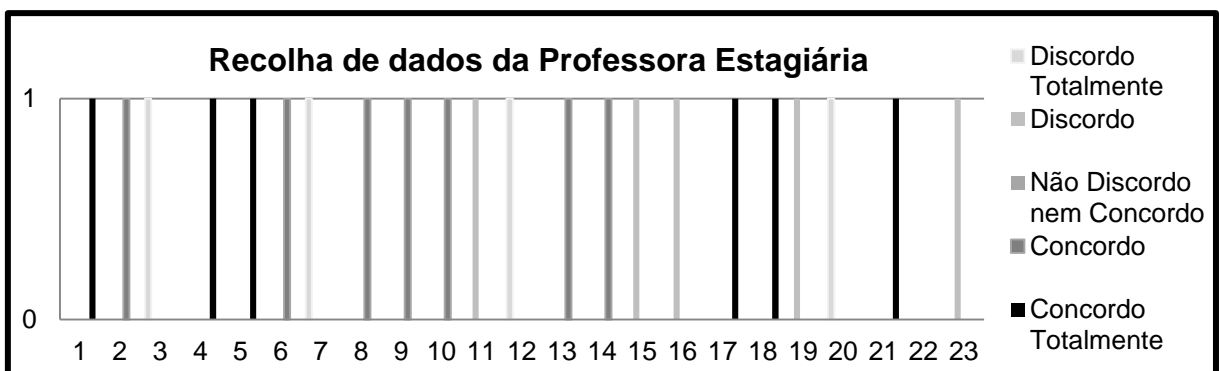


Gráfico 1: Análise dos dados recolhidos da Professora Estagiária.

Assim, analisando os dados do gráfico acima, relativamente às questões que retratam como foram construídos os instrumentos de avaliação, posso afirmar que utilizo instrumentos elaborados por mim, com pesquisa de alguns destes já construídos e que utilizo sempre um instrumento de AF. Já na categoria seguinte, para que são utilizados estes instrumentos, pessoalmente realizo a avaliação formativa com o intuito de verificar se estou a conduzir corretamente o meu ensino, e para orientar as aprendizagens dos alunos, muitos dos dados que recolho servem também para complementar a avaliação sumativa, pois esta por norma é realizada no final de cada módulo e se por ventura o aluno não estiver bem disposto, a sua nota vai ser influenciada, logo através da avaliação formativa posso verificar se o aluno tem vindo a progredir ou não. Geralmente, a recolha de avaliação formativa é feita em contexto de aula e durante a mesma, sendo que o planeamento da aula é realizado perspetivando a maneira mais fácil de conseguir colocar o meu instrumento em prática, criando exercícios que me permitam avaliar de acordo com os conteúdos e objetivos definidos no instrumento. De acordo com o instrumento que utilizei para avaliar a UD de Badminton, o meu instrumento teve um caráter qualitativo, eu apenas assinalava qual era a componente que o aluno tinha de melhorar, não sendo atribuído qualquer valor quantitativo. Por último, de acordo com a tabela definida acima, quem é que preenche o instrumento de AF, no meu caso, sou eu que realizo a recolha de dados através da observação que é feita do desempenho do aluno. Respondendo também às últimas perguntas, sim, acho difícil aplicar o instrumento enquanto estou a lecionar e não é nada fácil criar um instrumento de AF, sobretudo que seja prático, fácil e fiável.

9.2. Os Professores Estagiários

Neste segundo tópico serão analisados os dados que foram recolhidos dos questionários dos professores estagiários.

Relativamente à primeira questão, os professores apresentam opiniões diferentes, sendo que um utiliza o instrumento elaborado pelo próprio e o outro não tem opinião sobre esta questão. Na segunda e terceira questão, que um discorda da utilização de um instrumento criado por outro mas reforça que utiliza um instrumento para recolha da AF. E outro não tem qualquer opinião acerca da forma que utiliza para recolher AF.

Obtendo uma visão geral do gráfico apresentado, os professores apresentam opiniões bem divergentes um do outro, concordando totalmente em apenas seis questões. Na sexta questão, onde a AF é utilizada para complementar a informação para classificar os alunos, na décima primeira questão com a preparação das aulas de acordo com o que se quer registar, na utilização do preenchimento do instrumento durante as aulas, referenciando que conseguem manter a perceção das competências do aluno e que o instrumento é construído com o objetivo de conduzir a avaliação. Por último, ambos discordam que o instrumento seja preenchido pelo aluno.

Relativamente às duas últimas questões, “é difícil aplicar o instrumento enquanto estou a lecionar”, um refere que não tem opinião e o outro concorda com a afirmação. “É fácil criar um instrumento de AF”, os professores também apresentam opiniões diferentes, um discorda e o outro concorda.

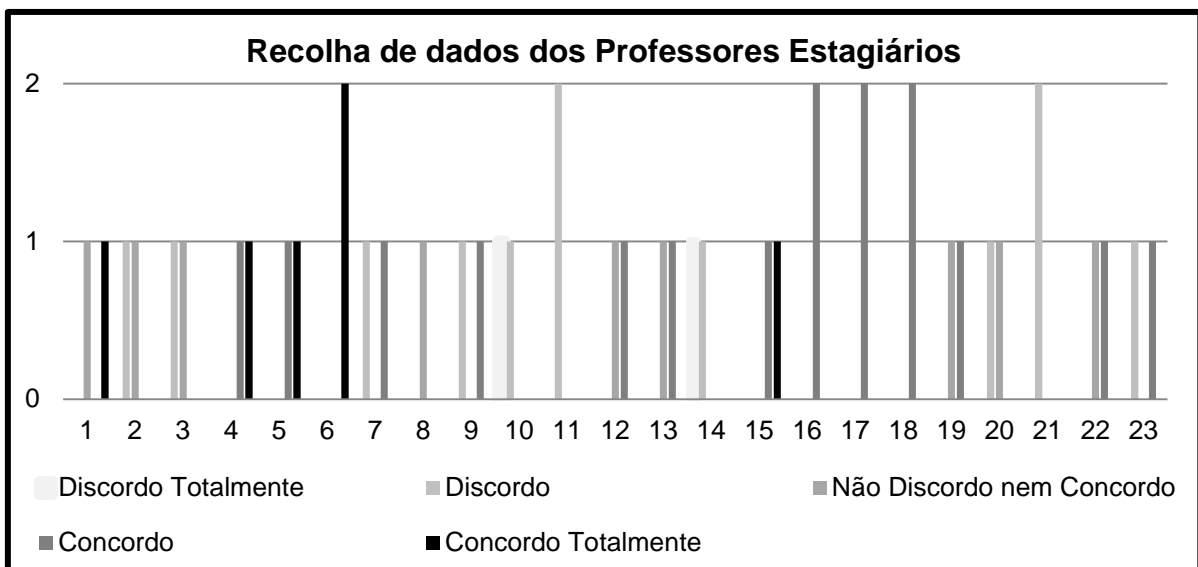


Gráfico 2: Análise dos dados recolhidos dos Professores Estagiários.

9.3. Os Professores de EF da ESDD

Tendo em conta o gráfico apresentado que traduz a opinião dos professores da Escola, apenas existem duas respostas com concordo totalmente, sendo estas, em resposta à elaboração do instrumento “por mim” e “os dados que retiro servem para complementar a informação para classificar os alunos.

Analisando de acordo com a tabela acima mencionada para a análise dos questionários, relativamente à categoria “Com quê?”, os professores apresentam opiniões completamente diferentes, três concordam com a elaboração do instrumento pelo próprio, os mesmos discordam com a utilização de um instrumento elaborado por outro assim como discordam totalmente da não utilização de um instrumento de recolha de registo. Passando para a categoria “Para quê?”, as opiniões encontram-se divididas entre o concordo e o concordo totalmente relativamente à recolha de informações para verificar aprendizagens dos alunos. Relativamente à classificação do aluno utilizando estes dados, os professores apresentam opiniões diferentes, um discorda, outro não tem opinião e dois concordam. Na categoria “Quando?”, dois não apresentam qualquer opinião relativa à recolha feita enquanto leciona, um concorda e outro discorda, já na questão “a recolha é feita após a aula”, dois concordam e um discorda. Todos partilham da mesma opinião, discordando, quando se trata da perda do controlo da turma enquanto se recolhe informações dos alunos, mas quando se questiona se o “controlo da turma é igual”, nem todos apresentam a mesma opinião, um concorda, dois não têm opinião e outro discorda. Mantendo as mesmas opiniões para a questão seguinte, “consigo preencher e observar ao mesmo tempo”. A maioria refere que consegue manter a perceção das competências dos alunos enquanto recolhe as informações.

Na categoria como procede para aplicar o instrumento, um concorda com a utilização de um pré planeamento, focando o que quer observar no aluno, dois professores também concordam com a realização de um planeamento das aulas com base no que pretendem registar. A forma como recolhem essa informação é diferente, um concorda com a utilização de um juízo quantitativo e as opiniões estão divididas relativamente à utilização de um juízo qualitativo.

Por último, na categoria quem recolhe essa informação, nas questões décima nona e vigésima, as opiniões encontram-se equilibradas entre o discordo e o concordo, ao preenchimento do instrumento “por mim” e “por mim e pelo aluno”, sendo só preenchido pelo aluno, a maioria discorda.

As duas últimas questões, “é difícil aplicar o instrumento enquanto estou a lecionar”, três referem que não têm opinião e outro concorda com a afirmação. “É fácil criar um instrumento de AF”, os professores também apresentam opiniões diferentes, três discordam da afirmação e outro concorda com a mesma.

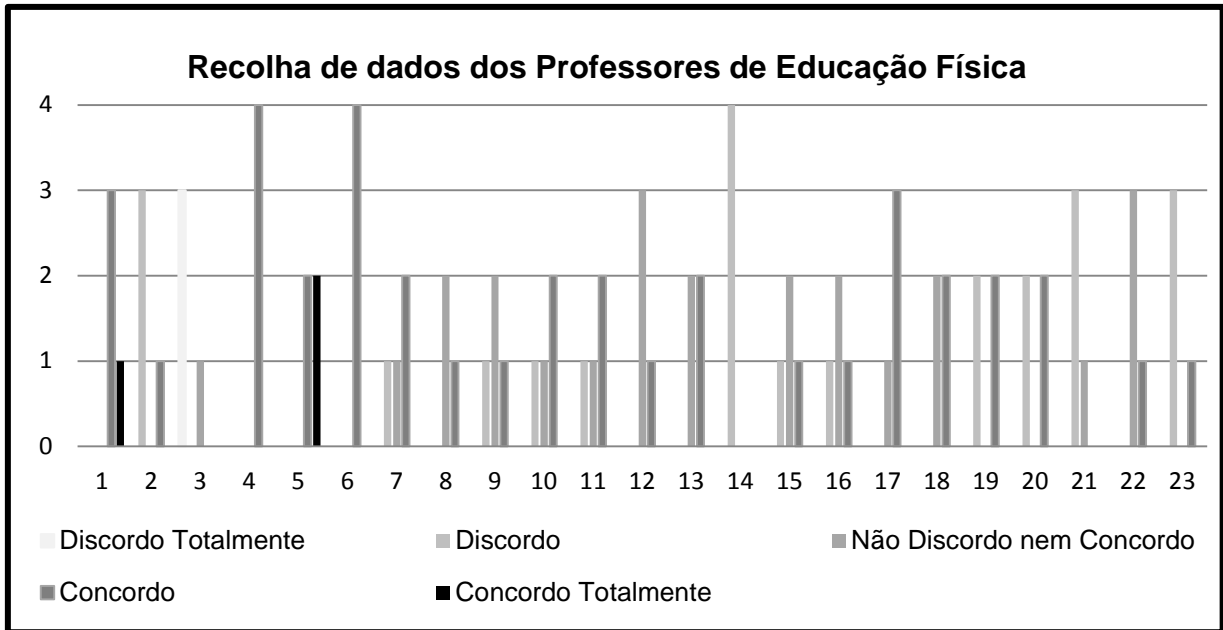


Gráfico 3: Análise dos dados recolhidos dos Professores de Educação Física.

10. Interpretação dos Resultados obtidos

Após a análise dos gráficos, retirando as informações mais relevantes que me possam ajudar na formulação das conclusões do meu estudo, pretendo apresentar um confronto do que fiz com os outros com base na literatura sobre AF e por fim, apresentar um resumo de indicadores para boas práticas de AF.

Tabela 3: Apresentação das comparações do trabalho que fiz com os outros professores.

Categorias	Professora Estagiária (Eu)	Professores Estagiários	Professores de EF da ESDD
Com quê?	Instrumento elaborados por mim; Utilização de um instrumento independentemente de quem o construa.	Instrumento elaborado pelo próprio; Utilização de um instrumento independentemente de quem o construa.	Instrumentos elaborados por eles.
Para quê?	Verificar a condução do ensino e orientar as aprendizagens dos alunos.	Complementar a informação para classificar os alunos; Construído com o objetivo de conduzir a avaliação.	Complementar a informação para classificar os alunos; Verificar aprendizagens dos alunos.
Quando?	Durante a aula	Durante a aula	Após a aula
Como?	Organizo as aulas para facilitar o registo de dados; Juízo qualitativo.	Preparação das aulas de acordo com o que pretende registar.	Pré planeamento; Reúne um conjunto de itens que quer observar no aluno; Juízo quantitativo e qualitativo.
Quem?	Professora	Professora	Pelo professor; pelo professor e pelo aluno.

De acordo com análise da tabela que apresenta os dados mais significativos do questionário, referenciando a minha prática pedagógica, a dos meus colegas estagiários e a dos professores da ESDD, posso verificar que partilhamos da mesma opinião que Noizet & Caverni (1985 citado por Sarmiento, 2003) quando referenciam que a avaliação formativa “tem por objetivo obter uma dupla retroação, sobre o aluno para lhe transmitir o feedback de acordo com o seu percurso de aprendizagem, e sobre o professor para lhe indicar como se desenvolve o seu programa pedagógico e quais são os obstáculos com que se depara. Neste sentido, o propósito fundamental da avaliação formativa é o de melhorar e aperfeiçoar o processo que avalia.

Para Allal (1986), quando se estabelece que os alunos devem atingir certos objetivos, torna-se necessário promover processos de avaliação que tenham em conta as diferenças individuais no processo de aprendizagem. Neste caso, a AF fornece informações que permitem adaptar o ensino às diferenças individuais do aluno, sendo realizada durante um período de formação. O aspeto informativo da AF pressupõe, segundo esta autora, diferentes etapas de operacionalização:

1ª: Recolha de informação relativa aos progressos e dificuldades sentidas pelos alunos, durante a aprendizagem;

2ª: Interpretação dessa informação, diagnosticando os fatores que estão na origem desse insucesso;

3ª: Readequação das atividades desenvolvidas tendo em conta as informações recolhidas.

Ainda na mesma perspetiva, para se elaborarem estratégias de avaliação com carácter formativo, segundo (Allal, 1986: 179) é necessário identificar:

- Aspetos da aprendizagem do aluno que têm de ser observados e os processos a utilizar na recolha dessas informações;

- A interpretação desses dados e o diagnóstico do problema da aprendizagem;

- Traçar os caminhos a seguir na adaptação do PEA.

Posto isto, para a sua implementação é necessário que haja cooperação, onde o aluno se sinta à vontade para expor os seus sentimentos, conversando com o professor sobre o que não percebeu, o que não estudou e o que não compreendeu. No entanto, para esta ser credível, deve estar sujeita a registos estruturados, aplicando instrumentos elaborados com um objetivo formativo que

através deles o professor possa verificar quais os objetivos alcançados e os que não foram alcançados e depois definir novas progressões, novas metas e adaptar as suas estratégias.

Esta perspetiva vai ao encontro de um dos objetivos, onde se verifica que existe sim uma diferença, os professores estagiários são da opinião que os alunos não participam no processo de recolha de avaliação formativa, já os professores com mais anos de experiência partilham da opinião de Allal (1986), sendo importante que o aluno também participe na avaliação formativa em conjunto com o professor.

Quanto à utilização das avaliações formativas para fins de atribuição de uma classificação, Bloom (1993, citado por Sarmiento, 2003) entende que o objetivo da avaliação formativa não é atribuir notas, mas ajudar o professor e os alunos a regularem o processo de ensino. Logo, a AF pode apresentar vários problemas relacionados com a validade e a fiabilidade porque é desenvolvida em contexto muito específico, faltando-lhe por vezes consistência para serem integradas na avaliação sumativa.

Segundo Ribeiro (1999) não há classificação sem avaliação, mas a recíproca não é verdade, podendo haver avaliação sem que haja uma classificação.

Partilhando da opinião de Alves (2003), a autoavaliação formará uma resposta à autonomia, ou seja, na participação mais ativa, na construção e gestão do PEA, na identificação das aprendizagens conseguidas, no reconhecimento dos erros cometidos e no planeamento das aprendizagens que ainda faltam realizar, são características fundamentais para desenvolver competências de autonomia no aluno.

Posso afirmar que, se o desenvolvimento da autonomia do aluno implica que este desenvolva uma atitude crítica e reflexiva sobre o seu trabalho, o mesmo acontecerá com o professor, que também deverá refletir, partilhar e negociar, ou seja, alterar concepções e práticas. Com isto, respondo à questão da utilização do aluno para preencher os instrumentos de AF.

Assim, a avaliação formativa tem como finalidade principal melhorar as aprendizagens dos alunos através de uma criteriosa utilização da informação recolhida para que se possam perspetivar e planear os passos seguintes.

Tendo em conta os objetivos definidos para o estudo, o instrumento aplicado para avaliar a AF dos alunos no módulo de Badminton foi elaborado de acordo com os conteúdos definidos na UD, mas a sua aplicação não correspondeu aos

parâmetros que tornam o instrumento com qualidade, pois este não se tornou económico na sua aplicação e o seu preenchimento não foi ao encontro das normas definidas inicialmente, pois numa fase inicial centrei-me nas dificuldades dos alunos, mas na segunda aplicação utilizei o instrumento como uma “checklist”. Também indo de encontro com a opinião dos professores senti muitas dificuldades na elaboração do instrumento e senti que perco muito tempo de aula e me “privou” de certa forma, de dar o feedback necessário aos alunos. Em futuras aplicações ou construções, o instrumento utilizado tem de ser prático, económico e com o foco no que se quer mesmo observar/avaliar no aluno.

Penso que o instrumento deve ser aplicado em contexto de aula, mas antes e após é importante que exista também uma reflexão que complemente os dados recolhidos.

A amostra referiu que concorda em aplicar um instrumento de AF sendo pelo “próprio” ou sendo por “outros”, como já me pronunciei em cima, penso que o instrumento deve ser construído pelo professor mas tendo por vezes uma base por onde se guiar facilitando assim a sua construção. Também pude verificar que as práticas de utilização dos instrumentos de AF não variam muito, estes são utilizados para regular o ensino do professor e para orientar as aprendizagens dos professores. Também partilho da mesma opinião que por vezes se vá buscar informações para complementar a avaliação final do aluno, verificando nos registos da AF se o aluno evoluiu ao longo das aulas.

Em síntese, para a prática eficiente de uma avaliação formativa existem aspetos que devem ser desenvolvidos segundo Cortesão (1993):

- A comunicação entre professor/aluno, através do recurso a estratégias variadas;
- A autoanálise e a auto-orientação da aprendizagem;
- O registo de todos os sinais que indiquem o que se está a passar durante o PEA;
- A visualização desses sinais como meios importantes para a compreensão do processo e como auxiliares fundamentais para a orientação da atuação do professor.

Respondendo ao problema colocado e após toda a análise efetuada verifico que consegui responder a todos os objetivos definidos inicialmente.

11. Conclusão

No estudo averigui especificamente quais são as diferenças entre diferentes professores, tendo em conta o seu tempo de serviço, e as razões que atribuem ao uso da avaliação formativa e com que intuito a realizam, dando assim resposta ao problema colocado. Destaco novamente a importância da utilização de um instrumento de recolha de AF e a utilização deste para regular o ensino tanto do professor como do aluno, complementando depois a avaliação final.

Aqui salientou-se a importância da formação que cada professor teve, devendo esta estar prevista para preparar os futuros docentes para um leque muito variado de situações, fornecendo ao futuro professor um conjunto de ferramentas e soluções, para ajustar a sua prática pedagógica em função do contexto em que está inserido. Como tal, a avaliação tem de ajudar os docentes a tomar e justificar decisões que possam satisfazer as necessidades dos alunos.

Este estudo deveria ser aplicado futuramente onde fosse ajustado um instrumento de avaliação formativa económico e prático em diferentes turmas do mesmo ano e na mesma modalidade ou unidade didática, a fim de se verificar se todos os professores conseguem aplicar o instrumento sem exigir grande esforço de interpretação e se o aplicam todos da mesma forma independentemente das circunstâncias da aula. Também era importante que os professores criassem instrumentos em conjunto e depois consoante a sua turma iam-no adaptando, a fim de facilitar o trabalho dos professores.

Por fim, apercebi-me que o instrumento que criei não foi o mais adequado, e se realizar mais que uma aula utilizando a avaliação formativa pontual, consigo recolher melhor alguns dados durante a mesma complementando-os depois no final.

Bibliografia

Abrecht, R. (1994). A avaliação formativa. Rio Tinto: Edições Asa.

Allal, L. (1986). Estratégias de avaliação formativa: concepções psicopedagógicas e modalidades de aplicação. In Allal, L., Cardinet, J e Perrenoud., P. (1986). A avaliação formativa num ensino diferenciado (pp. 175-195). Coimbra: Livraria Almedina.

Alves, M. & Flores, M. (1996). A avaliação formativa: da concepção à prática. Em L. Almeida, J. Silvério e S. Araújo. Actas do II Colóquio Galaico-Português de Psicopedagogia (Vol. I, p. 147). Braga: Universidade do Minho.

Alves, M. (2003). Avaliação de competências: mudar os nomes ou mudar as práticas? Revista Elo Especial, (pp. 203-211). Centro de Formação Francisco de Holanda: Guimarães.

Alves, M.P. (2004). Currículo e avaliação – Uma perspectiva integrada. (p. 61). Porto: Porto Editora.

Bento, J. (2003). Planeamento e avaliação em educação física. (2^o ed. P.59). Lisboa: livros horizonte.

Bloom, B., Hastings, J. & Madaus, G. (1975). Evaluación del aprendizaje. Buenos Aires: Troquel. California: McCutchan.

Caetano, A. P. & Silva, M. L. (2009). Ética profissional e formação de professores. Sísifo. Revista de Ciências da Educação, 08, p.54.

Cardinet, J. (1986). Linhas de desenvolvimento dos trabalhos actuais sobre a avaliação formativa. In: Allal, L., Cardinet J. & P. Perrenoud.(1986). A Avaliação Formativa num Ensino Diferenciado. Coimbra: Livraria Almedina.

Cardoso, A. (1992). As atitudes dos professores e a inovação pedagógica. Revista Portuguesa de Pedagogia, (1^aed). Lisboa: Ano XXI.

Carvalho, L. (1994). Avaliação das aprendizagens em educação física. In Boletim SPEF. (11ªed). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Educação Física.

Cortesão, L. (1993) A avaliação formativa: que desafios? Porto: Edições Asa.

Estrela, M. (2010). Profissão docente. Dimensões afectivas e éticas. Porto: Areal Editores.

Gomes, M. (2004). Planeamento em educação física – Comparação entre professores principiantes e professores experientes. Madeira: M. Gomes. Monografia de licenciatura em educação física e desporto. Universidade da Madeira.

Hadji, C. (1994). A Avaliação, regras do jogo - Das intenções aos instrumentos. Porto: Porto Editora.

Januario, C. (1988). O currículo e a reforma do ensino. Um modelo sistemático de elaboração dos programas escolares. (pp.57-63). Lisboa: Livros Horizonte.

Mateo, J. (2000). La evaluación educativa, su práctica y otras metáforas. Barcelona: ICE- Horsori.

Medley, D. (1979). The effectiveness of teachers. En P. Peterson y H. Walberg (eds.): Research on teaching: Concepts, findings and implications. Berkeley. California: McCutchan.

Miras, M. & Solé, I. (1996). A evolução da aprendizagem e a evolução no processo de ensino e aprendizagem. In: C, Coll., J, Palacios & A. Marchesi (Eds.). Desenvolvimento Psicológico e Educação: Psicologia Evolutiva. Porto Alegre: Artes Médicas.

Mosston, M., & Ashworth, S. (1994). Teaching physical education (4rd Ed.). New York: Macmillan.

Nobre, P. (2009). Apontamentos da disciplina de avaliação pedagógica em educação física do mestrado em ensino da educação física no ensino básico e secundário do ano letivo 2012-2013, FCDEF-Coimbra.

- Noizet, G. & Caverni, J. (1985). *Psicologia da avaliação escolar*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Oliveira, D. P. (2006). *Rebouças de planeamento estratégico: conceitos, metodologia e prática*. 6 ed. São Paulo: Atlas.
- Pacheco, J. (1995) *O pensamento e ação do professor*. Porto: Porto Editora.
- Piéron, M. (1996). *Formação de professores. Aquisição de técnicas de ensino e supervisão pedagógica*. CDI: FMH. Lisboa.
- Pinto, J. (2002). *A avaliação pedagógica numa organização curricular centrada no Desenvolvimento de Competências*. Revista, 4 Ministério da Educação. Departamento do Ensino Básico.
- Ramírez, J. V. (2002). *Planificar en educación Física*. Barcelona: INDE.
- Ribeiro, L. (1999). *Avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora.
- Rosado (2002). Rosado, A. & Colaço, C. (2002). *Avaliação das aprendizagens: fundamentos e aplicações no domínio das actividades físicas*. Lisboa: Omniserviços.
- Rosado, A. & Colaço, C. (2002), *Avaliação das aprendizagens: fundamentos e aplicações no domínio das actividades físicas*. Lisboa: Omniserviços.
- Rosales C. (1990) *Evaluar es reflexionar sobre la enseñanza*. Narcea.
- Sarmiento, P. (2003). *Pedagogia do desporto. Estudo 7*. Lisboa: Edições FMH.
- Siedentop, D. (1998). *Aprender a enseñar la educación física*. Barcelona: INDE.
- Silva, L. (2006). Entre o mito do “bom selvagem” e o processo da “educação racional” na interligação do currículo com as finalidades educativas. (p.25). In A. Moreira et al., *Currículo, cotidiano e tecnologias*. Araraquara: Junqueira Marin.
- Vieira, F. & Moreira, M. (1993). *Para além dos testes. A avaliação processual na aula de Inglês*. Universidade do Minho: CEEDC.
- Yin, R. (1994). *Case study research: design and methods* (2ª Ed, p.13). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.

Diplomas Legislativos:

Decreto Lei n.º 139/2012 de 5 de Julho. Diário da República, n.º 139 - 1ª Série.
Ministério da Educação. Lisboa.

Portaria n.º 74-A/2013 de 15 de Fevereiro. Diário da República, n.º 33 – 1ª Série.
Ministério da Educação. Lisboa.

Anexos




Anexo 1: Ficha de Heteroavaliação

Anexo 2: Ficha de Recolha da Avaliação Formativa de Badminton

Anexo 3: Questionário Aplicado

Anexo 1: Ficha de Heteroavaliação de Badminton

Tabela 4: Exemplo de uma ficha de Recolha de dados de Heteroavaliação dos alunos.

Módulo 3: Desportos de Raquetas - Badminton		
	Serviço	Aspetos a melhorar
	Componentes Críticas (C.C)	  
Coloca um círculo à volta da C.C que o teu colega tem de melhorar ou coloca um "Smile"	Movimento de trás para a frente e debaixo para cima.	
	Longo: Trajetória do volante alta e profunda; Colocação do volante perto da linha final do campo adversário.	
	Curto: A trajetória do volante permite que este passe a rede e caia dentro da área de receção ao serviço.	

Anexo 3: Questionário Aplicado

Questionário

Avaliação Formativa: Perceção do trabalho dos Professores de Educação Física com diferentes anos de experiência profissional.

O questionário está inserido no âmbito de um trabalho de investigação desenvolvido ao longo do Estágio Pedagógico da Faculdade de Ciências e Desporto da Educação Física de Coimbra, tendo como objetivo estudar a “Perceção dos Professores de Educação Física relativamente à Avaliação Formativa, consoante a sua experiência profissional”.

Pretendo perceber qual a importância que os professores dão à realização de avaliação formativa ao longo das suas aulas e como esta é recolhida.

Os questionários são anónimos e os dados recolhidos confidenciais, servindo apenas para fins de investigação. Lembramos que não existem nem boas nem más respostas. Apenas a vossa opinião é importante.

I. Dados pessoais

(Assinale com um X o que se aplica)

Género	Masculino ____	Feminino ____	
Anos de Experiência			
1 a 4 anos ____	5 a 7 anos ____	8 a 15 anos ____	+15 anos ____

II. Opinião sobre a Avaliação Formativa

Seguem-se um conjunto de afirmações sobre Avaliação Formativa. Em relação a cada uma assinale com X na escala, a opção correspondente ao seu grau de concordância.

	Discordo Totalmente	Discordo	Não Discordo nem Concordo	Concordo	Concordo Totalmente
1- Na recolha das prestações dos alunos é utilizado um instrumento elaborado por mim.					
2- Na recolha das prestações dos alunos é utilizado um instrumento elaborado por outros.					
3- Na recolha das prestações dos alunos não utilizo nenhum instrumento de registo.					
4- As informações que retiro das minhas aulas servem para orientar o meu ensino.					
5- As informações que retiro das minhas aulas servem para verificar/orientar as aprendizagens dos alunos.					
6- Os dados que retiro das minhas aulas servem para complementar a informação necessária para classificar os alunos.					
7- As informações que retiro ao longo das aulas são essencialmente para atribuir uma classificação ao aluno.					
8- Antes da aula, reúno um conjunto de itens que quero observar num determinado aluno.					
9- A recolha de informação é feita enquanto estou a lecionar.					
10- A recolha de informação é feita após a aula.					
11- O meu planeamento das aulas é construído com base no que pretendo registar.					
12- A recolha de informação é traduzida num juízo quantitativo.					
13- A recolha de informação é traduzida num juízo qualitativo.					
14- Quando a recolha de informações é feita durante a aula, perco o controlo da turma.					
15- Quando a recolha de informações é feita durante a aula, o controlo da turma é igual.					

	Discordo Totalmente	Discordo	Não Discordo nem Concordo	Concordo	Concordo Totalmente
16- Quando a recolha de informações é feita durante a aula, consigo preencher e observar ao mesmo tempo.					
17- Quando a recolha de informações é feita ao longo da aula, consigo manter a perceção das competências dos alunos.					
18- O meu instrumento é construído com o objetivo de conduzir a avaliação.					
19- O preenchimento do instrumento de avaliação formativa é realizado apenas por mim.					
20- O preenchimento do instrumento de avaliação formativa é realizado por mim e pelo aluno.					
21- O preenchimento do instrumento de avaliação formativa é realizado pelo aluno.					
22- É difícil aplicar o instrumento enquanto estou a lecionar.					
23- É fácil criar um instrumento de Avaliação Formativa.					

Obrigado pela vossa colaboração!